



**UFRPE**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA JOSÉ DOS SANTOS COSTA**

***BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR:  
PREVENÇÃO E NEGAÇÃO DO FENÔMENO**

**RECIFE  
2015**

**MARIA JOSE DOS SANTOS COSTA**

***BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR:  
PREVENÇÃO E NEGAÇÃO DO FENÔMENO**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade, Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, como requisito para obtenção do título de licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira

**RECIFE  
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

***BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR:  
PREVENÇÃO E NEGAÇÃO DO FENÔMENO**

Esta monografia foi julgada adequada como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado(a) em Pedagogia, aprovada pela banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

---

**Prof.<sup>a</sup> Coordenador (a) do Curso de Licenciatura em Pedagogia**

**Data da Defesa: 25 /11//2015**

**Horário: 15 horas**

**Local: Departamento de Educação - UFRPE**

**Aprovada em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof.º Orientador(a) Hugo Monteiro Ferreira**

---

**Prof.º Examinador Interno Paulo de Jesus (DEd UFRPE)**

---

**Prof.º Examinadora Externa Ana Pontes (UAG UFRPE)**

## DEDICATÓRIAS

Dedico a Luiz Leandro da Costa, meu esposo, com muita alegria e amor.

A minha querida mãe Josefa e minha irmã Helena, pelo carinho e paciência.

Aos meus filhos amados, Cynthia Monike, Davysom Miller, e meu genro David, pelo incentivo, ajuda, compreensão, contribuição na busca e construção de novos conhecimentos, agradeço a Deus por nos fortalecer nessa trajetória.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, o Mestre dos Mestres, e o Grande Arquiteto do Universo, que nos acompanha, dando-nos força e fazendo com que surjam momentos únicos em nossas vidas, a ele seja dado toda honra e glórias.

Ao professor Dr. Hugo Monteiro Ferreira (Orientador) pela confiança e pelas orientações baseadas na crítica, na compreensão, e na amizade, visando ao crescimento e ao nosso progresso.

Aos professores / educadores e alunos pesquisados, que prontamente nos auxiliaram nesta pesquisa.

A todos os professores da UFRPE, que com seus preciosos conhecimentos e experiências, contribuíram para nossa formação profissional.

A todos os nossos familiares, e colegas de turmas, amigos e amigas, que nos momentos mais difíceis, nos incentivaram, enfim, alimentaram a perseverança, a confiança, requisitos que nos foram imprescindíveis, para chegarmos à vitória, à concretização deste objetivo.

*“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que – fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”*

Paulo Freire

## RESUMO

O tema em análise tem relevância para os estudos escolares, e permeia as práticas docentes atuais. Assim buscou-se compreender como os atores escolares professor (as) / gestor (as) da escola Movimento livre, situada em Casa Amarela Recife PE, tratam o fenômeno *bullying*, tanto do ponto de vista da prevenção quanto da negação, para tanto, o referido estudo, fundamentou-se nos pressupostos teóricos de muitos estudiosos com, Chalita (2008), Fante (2005), e Maldonado (2011), quando foram abordados conceitos, causa e consequências do *bullying*, a importância da participação da família, da escola, nas atitudes preventivas e na erradicação, entre outros enfoques. Quanto à metodologia utilizada, foi norteada pela pesquisa qualitativa. Como técnicas coleta de dados, utilizamos entrevistas semiestruturadas, com duas gestoras e três professoras sendo uma do 3º ano outra do 4º e outra do 5º ano E F, e observação participante e questionário com 15 alunos da escola citada. A partir da análise temática, os resultados revelaram a existência do *bullying*, na referida escola, chamando atenção dos docentes para a necessidade da sensibilidade, e mudança de postura frente a essa realidade. Concluímos que na escola citada não é que não existam práticas sistemáticas de perseguição, mas é que não se conhece o fenômeno, logo não se reconhece, ocorrendo assim uma visão fragmentada no conceito *bullying* pelos atores escolares que trata do problema de forma simplista e minimizada.

**Palavras-Chave:** *Bullying*. Professores. Escola. Aluno. Prevenção.

## **ABSTRACT**

The subject in question is relevant for school studies, and permeates the current teaching practices. So we sought to understand how the school actors teacher (as) / manager (as) the free movement school, located in Yellow House Recife PE, treat the phenomenon bullying, both from the point of view of prevention and denial, therefore, the the study, was based on the theoretical assumptions of many scholars with Chalita (2008), Fante (2005) and Maldonado (2011), when they were approached concepts, cause and bullying of the consequences, the importance of family involvement, school , the preventive measures and eradication, among other approaches. As for the methodology used, it was guided by qualitative research. As technical data collection, we used semi-structured interviews with two managers and three teachers being a 3rd year another of the 4th and the 5th year another EF, and participant observation and questionnaire with 15 students of said school. From the thematic analysis, the results revealed the existence of bullying in this school, the teachers calling attention to the need sensitivity, and change of attitude in relation to this reality. We conclude that in the said school is not that there are no systematic persecution practices, but you do not know the phenomenon, just not recognized, thereby occurring a fragmented view on the concept bullying by school actors dealing with the simplistic and minimized form of problem.

**Keywords:** Bullying. Teachers. School. Student. Prevention.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Compreensão das gestoras sobre o <i>bullying</i> .....	31
Quadro 2- Existência do <i>bullying</i> na escola citada .....	32
Quadro 3- Conhecendo mais sobre o tema.....	33
Quadro 4- Aprofundando conhecimento sobre o tema.....	34
Quadro 5- Conceituando o <i>bullying</i> .....	35
Quadro 6- Negação do fenômeno.....	37
Quadro 7- Ampliando a informação sobre o fenômeno .....	38
Quadro 8- Diante da ocorrência do fenômeno.....	39
Quadro 9- Desdobramento do <i>bullying</i> na vida de uma criança.....	39
Quadro 10- Procurando ter saídas para o problema .....	40

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos 1- Entender o significado do <i>bullying</i> .....	43
Gráfico 2- Auto caracterização dos sujeitos .....	44
Gráfico 3- Existência de casos de bullying .....	45
Gráficos 4- Agressões sofridas pelos discentes .....	46
Gráficos 5- Acesso ao filme sobre o <i>bullying</i> na escola.....	48

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – ECOLOGIA DA ESCOLA</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 2 – A ESTRUTURA DE NOSSA PESQUISA: TEMA, PROBLEMA, OBJETIVOS, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA</b> .....	18
2.1 O tema que quisemos pesquisar .....	18
2.2 As perguntas que não saíram de nossa cabeça .....	19
2.3 O que queremos com essa pesquisa.....	20
2.4 A fundamentação teórica que nos ajudou no percurso .....	20
2.4.1 O <i>bullying</i> : questões conceituais .....	20
2.5 Os atores escolares, professores, gestores nem sempre conhecem o <i>bullying</i> .....	23
2.6 O <i>bullying</i> traz muitas consequências .....	24
2.7 A metodologia que utilizamos os tipos de pesquisa e a abordagem qualitativa.....	28
2.8 O método utilizado .....	29
2.8.1 As técnicas e os instrumentos de coleta de dados .....	29
<b>CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	31
3.1 A opinião das gestoras sobre o fenômeno <i>bullying</i> .....	31
3.2 A opinião dos professores(as) sobre o fenômeno <i>bullying</i> .....	35
3.3 Análises das observações das aulas do 3º ano, do 4º ano, e do 5º ano .....	41
3.4 Questionário aplicado aos alunos (as) análise das respostas .....	42
<b>CAPÍTULO 4 – PROPOSIÇÕES REFLEXIVAS SOBRE O FENÔMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	49
4.1 Ações preventivas que auxiliem nas confusões conceituais sobre o fenômeno <i>bullying</i> .....	50
<b>CONCLUSÃO</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55
<b>APÊNDICE</b> .....	56

## INTRODUÇÃO

Em tempos atuais, problemáticas diversas afloram no ambiente da educação, dentre elas, a discussão e os entendimentos sobre o fenômeno *bullying* no contexto escolar, tanto do ponto de vista prevenção quanto da negação. Sabe-se que o fenômeno ocorre há muito tempo, mas só passou a ser estudado em meados da década 1970, quando surgiu na Suécia, um grande interesse pelo fenômeno.

Segundo Maldonado (2011), o fenômeno *bullying* está presente em todas as escolas. No entanto, percebemos que em algumas escolas, o fenômeno ou é negado ou é incompreendido pelos atores escolares, mais precisamente pelos professores. Neste sentido, é objetivo central de nossa pesquisa investigar como na escola Movimento Livre, os atores (professores/ gestores) que lá trabalham tratam o fenômeno *bullying*, tanto do ponto de vista da negação quanto da prevenção.

Diagnosticar e entender o fenomenologia *bullying* em suas especificidades, ao longo da história, nunca foi “tarefa” fácil de ser realizada. Em razão disso, nossa pesquisa busca oferecer ao leitor reflexões que possam contribuir para um melhor esclarecimento do conceito, da identificação, da análise e das repercussões que tal fenômeno pode ter na vida individual e coletiva de uma comunidade escolar.

Para Maldonado (2011), que concorda com Fante (2005), o fenômeno *bullying* é um problema que tem ganhado crescente repercussão no Brasil e em outros países ocidentais. No nosso caso, em particular, investigamos como o fenômeno é compreendido pelos atores escolares da escola Movimento Livre. Nossa intenção é analisar, por meio dos dados coletados, a maneira como os atores escolares compreendem e discutem ocorrências de *bullying* nas dependências escolares.

Segundo Fante (2005), a presença do fenômeno na realidade escolar é incontestável e não possui aparentemente determinante, ou seja, independente da localização da escola, tamanho, turno escolar, séries iniciais e finais ou mesmo escola pública e privada, ele é responsável pela criação de um ambiente no qual predomina um clima tenso, de medo e perplexidade por parte das vítimas.

O agressor acha dificuldade em encontrar a linha divisória entre brincadeira e agressão. Ela também diz que os autores do *bullying* precisam aprender a ser assertivos, sem serem agressivos, a desenvolver a empatia pois quem aprende a desenvolver a empatia torna-se mais colaborador e menos agressivos (MALDONADO, 2011, p. 29).

De um ponto de vista teórico, esta pesquisa fundamenta-se basicamente nos seguintes aportes Fante (2005); Maldonado (2011). De um ponto de vista metodológico, a pesquisa se fundamenta nas orientações dadas por Michalisin (2011) e Minayo (2013). Ludke e André (1986). Algumas perguntas de saída motivam essa pesquisa: Os professores da escola Movimento Livre de fato compreendem o que é o fenômeno *bullying*; Se compreendem, como atuam na prevenção do fenômeno em sua escola?; Se não compreendem, não seria por isso que negam a existência?

Nossas inquietações advêm porque, durante as nossas coletas de dados empíricos, mais precisamente no ano de 2013, presenciamos o caso de um aluno que, em razão de sua condição física, foi sistematicamente perseguido pelos colegas, com agressões verbais e físicas. O aluno, em razão da ocorrência, foi submetido a tratamentos psicológicos e médicos. Mesmo assim, quando entrevistamos a gestão da escola e os professores, ambos nos disseram que na escola Movimento Livre nunca havia acontecido um caso de *bullying*.

Entendemos que na escola como um todo, há mais ocorrências de outros casos, porém compreendidos e tratados pelos professores como não sendo *bullying*. Se a compreensão dos professores e educadores da escola citada sobre o fenômeno *bullying* for ampliada e aprofundada, ocorrências entendidas como “brincadeiras da idade”, “coisas de alunos”, “abusos comuns de escola”, terão outro sentido para os citados profissionais. Os professores / educadores da escola pesquisada, através de suas práticas pedagógicas, atuam de dois modos: ou negam o fenômeno ou agem preventivamente. Em ambos os casos, pelo que observamos, demonstram incompreensão sobre o *bullying*.

Estamos presenciando um momento da história, em que a violência está cada vez mais presente em nossa sociedade. Vivemos numa época repleta de incertezas, tensões e falta de valores (como a perda de noção de limites entre o bem e o mal). Nossa pesquisa, além dos objetivos já apresentados, também almeja sensibilizar o professor / educador, buscando um maior conhecimento sobre a temática. Esperamos conseguir.

Para fundamentar essa investigação e alcançar os objetivos propostos, e como intuito de aproximar-se da realidade e adquirir material suficiente para discutir questões

pertinentes aos objetivos deste estudo, foi realizada uma pesquisa de campo na instituição acima citada, que utilizou como instrumentos de coleta de dados observação das aulas, entrevista semiestruturada com 2 (dois) gestores e 3 (três) professores do 3º 4º e 5º ano do Fundamental e um questionário com 5 questões com 15 alunos.

Este trabalho de conclusão de curso foi dividido em quatro capítulos, descritos da seguinte forma: No primeiro capítulo, consta a ecologia da escola amparada pelas concepções dos teóricos, focalizando as conceituações de violência, violência na escola e *bullying*, como ele é encarado, quais as suas causas e consequências e de que modo a família, a sociedade e a escola podem lidar com esse problema, dentre outros enfoques. O segundo capítulo, trará por sua vez, o tema, o problema, os objetivos geral e específicos, fundamentação teórica e a metodologia. No terceiro capítulo encontram-se as análises de dados e apresentação de resultados, e no quarto capítulo encontram-se proposições reflexivas sobre o fenômeno *bullying* no contexto escolar. Foram analisadas as respostas dadas pelos professores, gestores e alunos, comprovando-se por fim, a existência do *bullying* na unidade de ensino pesquisada.

## CAPÍTULO 1 – ECOLOGIA DA ESCOLA

Nesse capítulo, apresentamos a parte física da escola e sua relação com as estruturas sociais e geográficas. Como diremos, mais adiante, é um capítulo mais descritivo e tem por objetivo situar o leitor sobre o espaço no qual realizamos quase toda a nossa coleta de dados empíricos. A escola escolhida para a nossa investigação foi a Movimento Livre. A escolha desse estabelecimento de ensino se deu em virtude de ser uma das maiores escola da rede municipal de ensino da cidade do Recife, na qual há um universo bem mais amplo para as indagações que serão propostas, funcionando com 19 turmas, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

A Escola Municipal Movimento Livre foi inaugurada em 12 de março de 2010. Situada no bairro de Casa Amarela, Recife-Pernambuco. Devido a sua localização estratégica e fácil acesso, é uma das opções de pais e alunos de diversos bairros e comunidades adjacentes a Casa Amarela. A referida escola é formada por crianças, jovens e adultos, moradores oriundos das comunidades de Casa Amarela, Morro da Conceição, Alto Jose do Pinho e Córrego do Euclides.

A comunidade que frequenta a escola pertence, em sua maioria, a uma classe econômica entendida como de baixa renda. Os pais e mães recebem mensalmente pouco menos e pouco mais de um salário mínimo. As famílias, em sua maioria, tem vinculação com o Programa Bolsa Família. A comunidade, nesse sentido, ocupa, na escola do IBGE, espaço na pirâmide social, sendo classificada como classe social D e C. Um número maior na C e um número um pouco menor na D.

De um ponto de vista de equipe de trabalho, a escola citada tem a seguinte distribuição: 01 dirigente, 01 vice- dirigente, 01 secretária, 01 auxiliar de secretaria, 01 coordenador, 03 AEE–Assistente de educação especial ou de acompanhamento pedagógico, 19 professores, 16 estagiários da prefeitura, 01 instrutor de informática, 04 intérprete de LIBRAS, 01 bibliotecário, 01 cozinheiro/ merendeiro. A escola conta com um professor em cada sala por turma. A escola possui cerca de 60 funcionários.

Em relação à formação da equipe pedagógica da Escola Movimento Livre, todos os professores/as são graduados, grande parte com especialização. De acordo com as informações obtidas na escola, durante as atividades dos PEPES, a escola tem vários

diferenciais em relação a outras instituições de mesma natureza, por exemplo: de inclusão de deficientes o programa amplo: são 68 alunos de educação especial (TGD e Múltiplas Deficiências).

A Escola Movimento Livre atende, no total, 19 turmas, sendo que são 07 turmas pela manhã; 07 turmas à tarde e 05 turmas à noite. No turno da manhã, estudam 156 alunos (média de alunos 27 por sala/turma), distribuídos assim: 02 salas/turma para a educação infantil, e uma sala/turma para cada ano que vai do 1º ao 5º ano. No turno da tarde, frequentam em média 156 alunos (média de 26 alunos por sala/turma). E à noite, estudam 114 alunos (média de 33 alunos por sala/turma). No total, estudam 426 alunos.

Como prevê a Lei 9394 de 1996, a escola Movimento Livre também contempla a educação infantil. Lá, as turmas são organizadas por ciclos. Os ciclos obedecem a uma lógica que os estrutura assim: 1º Ciclo: 1º, 2º e 3º anos, compreende crianças de 06 a 08 anos de idade e o 2º ciclo, composto por 4º e 5º ano – compreende crianças de 09 e 10 anos de idade. Nossa pesquisa, como já dissemos antes na Introdução, não se deu com crianças matriculadas na educação infantil nem com professores que trabalhem com esse nível da educação básica.

A Escola Movimento Livre tem uma estrutura física atualizada pela rede de ensino da prefeitura do Recife. É uma escola que pertence a um quadro de escolas que foram restauradas pela Prefeitura da Cidade do Recife. Sua estrutura física inclui salas de direção, secretaria escolar, biblioteca, sala de coordenação, salas de aula, corredores, espaço para refeição, espaço para atividades físicas. Em 2010, no mês de fevereiro, a escola foi entregue à comunidade com esse perfil físico e foi esse perfil que encontramos quando de nossas visitas.

Sendo mais descritivo, conforme o Censo dos anos de 2013 e 2014, a escola Movimento Livre tem a seguinte estrutura:

17 salas de aulas; 1 Sala de diretoria; 1 Sala de professores; 1 Laboratório de informática; 1 Sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE); 1 Quadra de esportes coberta; 1 Quadra de esportes descoberta; 1 Cozinha; 1 Biblioteca; 1 Banheiro dentro do prédio; 1 Banheiro adequado à educação infantil; 1 Banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida -



dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; 1 Sala de secretaria; Banheiro com chuveiro; Refeitório; Despensa; Almojarifado; Auditório; Pátio coberto; Pátio descoberto; Área verde e Lavanderia.

Em suas dependências, a escola Movimento Livre, no que diz respeito, a equipamentos, possui: TV; DVD; Copiadora; Retroprojeter; Impressora. Aparelho de som e Projetor multimídia (Data Show). Os equipamentos da escola citada são guardados de modo que a segurança possa ser minimamente garantida. Ao longo de nossas visitas à citada escola, vimos que desde a sua inauguração aos dias atuais, a conservação do prédio, considerando o tempo e as condições fragilizadas de manutenção da rede de ensino, mantém-se em estado agradável.

O bairro de Casa Amarela, espaço onde fisicamente a Movimento Livre está localizada é um dos mais antigos da cidade do Recife. Sua história, a despeito das lendas e das especulações, é relevante para a escola Movimento Livre, uma vez que os estudantes e as estudantes da Escola moram, como já dissemos, ou no próprio bairro ou em bairros adjacentes que, em determinado momento da história, pertenceram a Casa Amarela.

Segundo informações coletadas no PPP da escola Movimento Livre, localizada no bairro de Casa Amarela, é um dos mais populosos da cidade, famoso por seu mercado popular, por sua feira-livre e pelo forte comércio e intenso tráfego de pessoas diariamente; é o maior colégio eleitoral da capital do Recife. Ainda segundo informações coletadas nos documentos da escola Movimento Livre, a povoação do bairro apareceu ao redor do Arraial Velho do Bom Jesus, depois das invasões holandesas. Antigamente no bairro, existia o final de uma das linhas de bonde do Recife, e acabava exatamente em um sítio, que tinha uma casa, de propriedade do português Joaquim dos Santos Oliveira, que se mudara para ali, com vistas a um tratamento de tuberculose.

Curando-se da doença, o proprietário mandou pintar a casa de ocre (argila colorida de cor amarelada acastanhada), e assim foi ficando conhecido o final da linha do bonde, Casa Amarela, surgindo, dessa forma, o nome do bairro. A casa hoje é uma farmácia, mas, ao longo do tempo, teve diversos usos. Curiosamente, mantém a cor amarela tradicional. Já foi considerado o bairro mais populoso do Recife, desmembrado da freguesia do Poço da Panela. Dele faziam parte os hoje bairros do Morro da Conceição, Vasco da Gama, Nova Descoberta, Tamarineira, Macaxeira, Mangabeira e Alto José do Pinho.

A reestruturação político-administrativa da cidade, cumprindo a lei municipal 14452, de 1988, desmembrou o bairro original, deixando-o apenas com o território atual, que compõe seu centro histórico e comercial. O bairro perdeu toda sua área de morros, exceto o Alto de Santa Isabel.

## **CAPÍTULO 2 – A ESTRUTURA DE NOSSA PESQUISA: TEMA, PROBLEMA, OBJETIVOS, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA**

Nesse capítulo, apresentamos a estrutura ou o desenho de nossa pesquisa. Nesse sentido, explicamos um pouco sobre o tema, o problema, os objetivos – geral e específicos, a fundamentação teórica e a metodologia que utilizamos. É um capítulo que surge a partir das pesquisas que fizemos ao longo dos PEPES II, III e IV. É um capítulo que ajudará o leitor a se situar diante de nossa pesquisa científica.

### **2.1 O tema que quisemos pesquisar**

Escolhemos esse tema porque entendemos que o fenômeno *bullying* no contexto escolar necessita ser investigada de modo sistemático e contínuo.

Ao longo dos semestres em que estivemos na escola Movimento Livre, podemos, por meio de entrevistas e de observações, compreender melhor como os atores escolares daquela Escola ou negam ou previvem o fenômeno. Inicialmente, queríamos investigar a ocorrência do fenômeno na Escola, porém, como já esperávamos, o processo de investigação nos levou a rever algumas de nossas questões e melhor definir o nosso tema.

Como diremos na parte de fundamentação teórica, o fenômeno ocorre em quase todas as escolas, mas nem sempre em quase todas as salas de aula. O que nos inquietou na escola citada foi o fato de tanto a direção da escola quanto os professores dizerem que naquela instituição não havia a ocorrência do *bullying*, mas ao mesmo tempo, esses atores, como vamos evidenciar no capítulo 3, demonstravam não saber a diferença entre o *bullying* e as brincadeiras corriqueiras entre alunos e alunas.

O tema de nossa pesquisa, nesse sentido, foi amadurecendo. Depois de lermos mais sobre o fenômeno, de ouvirmos mais sobre a relação do *bullying* com a escola, vimos que os depoimentos dos atores escolares da escola Movimento Livre, embora fossem sinceros, não eram necessariamente corretos, pois informavam que o fenômeno era inexistente da Escola, mas, ao mesmo tempo, não sinalizam clareza sobre o conceito, a tipologia, as características do fenômeno da escola.

A escolha do nosso tema também se deu porque acreditamos numa escola que seja livre de discriminação e que seja livre de preconceito. Uma escola que proteja quem nela estude e possa importar para seus atores melhoria em suas vidas individuais e coletivas. Ainda há muita informação a ser dita sobre o *bullying* no contexto da sala de aula e da escola como um todo, nosso tema quer contribuir um pouco com essas informações sobre o fenômeno.

## 2.2 As perguntas que não saíram de nossa cabeça

A nossa pesquisa sobre o *bullying* no contexto escolar tem como principal problema saber de que maneira uma escola pode enfrentar o *bullying*, evitando, desse modo, com que esse fenômeno ocorra. Nesse sentido, algumas perguntas nos fizeram problematizar o tema de nossa pesquisa: a) O que é *bullying*?; b) O *bullying* ocorre sempre na escola?; c) Os gestores escolares sabem identificar uma ocorrência de *bullying*?; Os professores sabem como lidar com esse fenômeno em sala de aula?; As crianças estão sendo protegidas pela escola no que diz respeito ao *bullying*?

Essas questões que nos motivaram na pesquisa se somaram a outras perguntas que também compuseram a investigação, a saber: a) Na Escola Movimento Livre, existe o fenômeno?; b) Os gestores e os professores sabem conceituar, identificar o *bullying*?; c) Mesmo não sabendo identificar, é possível prevenir o fenômeno em sala de aula?; Como não sabem identificar, os professores e os gestores negam que exista a ocorrência do fenômeno na escola Movimento Livre ?; Temos alguma proposta que auxilie a minimizar e a erradicar a ocorrência de *bullying* em sala de aula?

Essas perguntas geraram, ao nosso ver, o seguinte problema: Na escola Movimento Livre, tanto do ponto de vista da negação quanto do ponto de vista da prevenção, como os atores escolares compreendem a fenomenologia *bullying*? Eles negam ou eles previnem? Ou eles previnem ainda que neguem? São perguntas que nos seguem durante o nosso percurso e nos fazem pensar e repensar constantemente a nossa trajetória de pesquisa e a construção do nosso TCC.

## **2.3 O que queremos com essa pesquisa**

Como dissemos antes, investigamos, por meio de pesquisa teórica e empírica, como os professores e os gestores da Escola Municipal Movimento Livre tratam a fenomenologia *bullying*? Eles negam a existência do fenômeno na Escola, mas, ao mesmo tempo, eles dizem que previnem para que o fenômeno não aconteça. O nosso objetivo é compreender como isso se dá na prática deles. Por isso, fomos entrevistá-los e também fomos observar as suas aulas.

Também objetivamos analisar como o conceito do *bullying* está circulando na escola Movimento Livre e também como esse conceito – ou conceitos – está sendo utilizado na hora em que se precisa identificar o fenômeno e tratá-lo de modo adequado. Através de observação, verificar como o fenômeno é tratado em sala de aula e ter possibilidade de comparar aquilo que foi dito com aquilo que é vivenciado em sala de aula. Por último, pensamos em propor alternativas que a escola Movimento Livre possa usar em suas salas de aula.

## **2.4 A fundamentação teórica que nos ajudou no percurso**

### **2.4.1 O *bullying*: questões conceituais**

Estudar o conceito do fenômeno *bullying* em nossa pesquisa é muito importante, pois nos nossos estudos, entender a palavra *bullying* é necessário e essencial para o que investigamos. Segundo Maldonado (2011), o fenômeno *bullying*, de tal maneira a não ser confundido com outras formas de violência, pode ser entendido como: “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivo evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”. Isoladamente, para Maldonado, o *bullying* não deve ser confundido com outro tipo de fenômeno que ocorre na escola. No ambiente escolar, existem diversos fenômenos nas relações entre os sujeitos que compõem a escola, mas esses acontecimentos como por exemplo “apelidos”, “brincadeiras”, “estremecimentos”, “insultos”, “agressões verbais ou físicas”, se ocorrem sem que tenham uma constância não devem, segundo a autora, ser considerados *bullying*.

Etimologicamente, *bullying* “é um verbo derivado do adjetivo inglês *bully*, que significa valentão, tirano” (CHALITA, 2008, p. 81).

De acordo com Melo (2010), a palavra *bull* significa touro, e para adjetivá-la, basta acrescentar o *y*, *bully* = valentão, ou seja, quando uma pessoa comete *bullying*, significa que ela está exercendo a valentia contra outra pessoa.

*Além de Maldonado*, para que tenhamos um conceito sobre o fenômeno de modo mais amplo, também estamos estudando as pesquisas de Fante (2005). Para Fante, o fenômeno *bullying* tem origem na dificuldade que uma pessoa tem de compreender a outra pessoa tanto na sua diferença quanto na sua semelhança. O *bullying*, segundo Fante, ocorre quando a identidade de um sujeito é rejeitada por outro sujeito ou por outros sujeitos. A rejeição á diferença seria a base do fenômeno.

Fante acredita que não se deve confundir um problema sério como a ocorrência do *bullying* com ações isoladas e pouco sistemáticas. O *bullying*, na opinião dessa pesquisadora, é nocivo ao ambiente onde se apresenta, pois gera sofrimento e pode provocar muitos acontecimentos ruins. As relações entre as pessoas ficam péssimas, quando alguém é vítima de *bullying* e quando alguém é o ator do *bullying*.

Dan Olweus (1993), um pesquisador da Universidade de Bergen na Noruega, um dos primeiros a realizar estudos sobre violência no ambiente escolar, desenvolveu os primeiros critérios para a identificação do *bullying* na escola, diferenciando-o de outras possíveis interpretações sobre o comportamento dos sujeitos escolares. Ele entrevistou 84.000 estudantes em diversos níveis e períodos escolares, 400 professores e cerca de 1.000 pais. Através desses estudos, verificou-se que a cada grupo de sete alunos, um estava envolvido em situações de *bullying* (FANTE, 2005).

Fante (2005) afirma que segundo o professor Olweus, os dados de outros países sobre a ocorrência de *bullying* indicam que esse tipo de conduta existe com relevância similar ou superior às da Noruega, como é o caso da Suécia, Finlândia, Inglaterra, Países Baixos, Japão, Irlanda, Espanha, Austrália, Canadá e Estados Unidos. De acordo com esta autora, pesquisadores de todo o mundo atentam para esse fenômeno e apontam aspectos preocupantes quanto ao seu crescimento e ao fato de atingir inclusive os primeiros anos de escolarização. Conforme Fante, calcula-se que em torno de 5% a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas de alguma forma em condutas agressivas na escola, atuando como vítimas ou agressoras.

No Brasil, em 2003, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Criança e à Adolescência (ABRAPIA) publicou uma pesquisa sobre *bullying*, realizada com 5.500 alunos de escolas públicas e privadas, com o objetivo de estruturar um programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.

Porém, em 2008, depois de 20 anos da sua criação, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência (Abrapia) tem suas portas fechadas, segundo seu fundador, Lauro Monteiro, por falta de apoio financeiro nos projetos. Com o fim da Abrapia surge o Observatório da Infância e da Adolescência, que, de acordo com Lauro Monteiro, vai continuar e ampliar o trabalho de divulgação dos direitos da criança e do adolescente.

Em 2006, segundo FANTE, pesquisas realizadas em cinco países: Argentina, México, Brasil, Espanha e Chile. Nesse panorama, comparando com os outros, os alunos brasileiros são os que mais sofrem insultos, apanham e são assediados, verbal, física e sexualmente. E, por isso, o Brasil foi apontado como campeão em *bullying*.

Chalita (2008) fazendo um apanhado no panorama mundial de incidências do fenômeno *bullying* diz que o Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre *Bullying* Escolar (CEMEOBES), que acompanha o fenômeno em oito cidades do Brasil, em 2007 constatou uma incidência de *bullying* praticado por crianças e jovens em 45% dos estudantes brasileiros do ensino fundamental.

Fante concorda Chalita explicando, que o fenômeno *bullying* invade silenciosamente os espaços escolares, furtando de crianças e jovens a possibilidade de sonhar. As experiências de dor, de angústia e de humilhação, vividas solitariamente, deixam cicatrizes e podem trazer graves consequências para os adultos que essas crianças serão (CHALITA, 2008, p. 85).

Chalita afirma, que a escola é um espaço rico de possibilidades, de descobertas diárias da arte de ensinar e de aprender, de conviver, de viver em harmonia. As relações professor/aluno e aluno/aluno são um verdadeiro laboratório para a vida, pois estão repletas de dilemas, de conflitos de escolhas que permitem exercitar, resgatar, revisitar e rever os princípios, os objetivos, os valores que nos mantêm unidos. A ação começa por poucos e vai contagiando muitos, até que atinja todos.

De acordo com Constituição Federal Brasileira de 1988 prevê que pode ser considerado como direito fundamental, devendo, portanto ser respeitado, a preservação do princípio da dignidade da pessoa humana que se constitui um dos fundamentos,

relacionado ao Estado Democrático de Direito, nos termos do art. 1º, inciso III, passando as crianças e adolescentes a serem considerados sujeitos de direitos, não mais figurando como propriedade da família ou objeto de tutela do Estado. Além do dispositivo que garante os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, considera os que asseguram o direito subjetivo de desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social dos infanto-juvenis. O primeiro artigo, da Declaração Universal dos Direitos Humanos cita: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. Dessa forma, essa Declaração aponta para os seguintes aspectos: a garantia da proteção pelo Estado de Direito, o gozo de direitos e liberdades estabelecidos neste documento, além de não aprovar a discriminação, seja de qualquer forma.

Para o Código Penal Brasileiro, o *bullying* se origina de um desrespeito em relação ao outro, onde se percebe atos de intimidação, humilhação, discriminação, ocasionando, muitas vezes, mortes de vítimas. Assim, considera a referida lei que a gravidade do *bullying* pode ser concebida através da descrição dos seus atos, e, por essa razão, quase todos os casos são considerados à luz do Direito penal como crimes. Segundo o referido Código, o fenômeno ultrapassa os limites da percepção isolada da ação que pode receber um tratamento penal, como é o caso da lesão corporal, da injúria e do dano.

De acordo com o Art. 227 da Constituição Federal diz que: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. De acordo com Fante, (2005, p. 184), na família existe uma cultura da violência como forma de educação em que os filhos são tratados como prioridades dos pais e estes, mesmo na frente de outras pessoas, maltratam seus filhos, não possuem punições e a sociedade ainda acata tal comportamento.

## **2.5 Os atores escolares, professores, gestores nem sempre conhecem o *bullying***

Maldonado afirma que o *bullying* não é um fenômeno fácil de ser reconhecido. Nesse sentido, para que seja identificado, é necessário que ele possa ser compreendido,



senão, poderá não ser reconhecido ou mesmo confundido com outro tipo de ocorrência. Para Maldonado, é possível alguém dizer que o *bullying* não ocorreu, menos porque de verdade ele não existiu e mais porque há uma ignorância por parte de muitos sobre o que seja e como se identifica o fenômeno.

Na nossa pesquisa, temos percebido que os professores investigados, embora afirmem que não existe o fenômeno na escola onde trabalham, também demonstram ignorar características do fenômeno. A ignorância, como diz Fante, pode levar a pessoa a afirmar que o problema não existe e o que há é outra situação. Para que os professores comecem a conhecer e reconhecer o *bullying* é importante que eles estudem e saibam como se dá o problema.

Em seu livro *bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?* Maldonado (2011), explica que o *bullying* precisa ser explicado, debatido, informado para alunos, pais e educadores. Fante (2005) também acredita que alunos, pais e educadores devem ser informados e participados sobre o conceito do fenômeno tanto no âmbito interno da escola quanto nas consequências que se desdobram desse processo. Para as autoras, o conhecimento é fundamental, com vistas à prevenção e à erradicação.

Segundo Fante, muitas agressões ocorrem na sala de aula e no recreio. No mundo, toda a violência tornou-se um cotidiano, tendo numerosas causas e consequências, em que são afetadas alunos, professores, diretores, pais entre outros, no Brasil, o fenômeno ainda é pouco pesquisado, pois não há um indicador global que possa fornecer parâmetros.

## **2.6 O *bullying* traz muitas consequências**

Segundo Maldonado (2011), o *bullying* tem várias faces, mas nenhuma delas poderá passar em branco, se a escola estiver atenta. Na nossa pesquisa, quando conversamos com os atores escolares, percebemos que nem todos estão atentos para as ocorrências entre os alunos e as alunas dentro e fora da sala de aula. Conforme Maldonado, para que ações contra o *bullying* possam surtir efeito, é preciso que os envolvidos (vítimas e agressores) sejam participantes das soluções.

Maldonado concorda com Fante e assinala, explicando que o *bullying* traz muitos danos para quem o sofre, seja vítima seja agressor, esclarece Maldonado (2011), a vítima pode ter:

Dificuldade de concentração, queda do desempenho escolar e medo de ir à escola, isolamento, ficam arredias, desejam ser invisíveis e quando esse estado se agrava, pode gerar estados depressivos que, em situações extremas de desespero e de desesperança, conduzem à tentativas de suicídio.

Ainda segundo Maldonado, a maioria dos agressores parece ter sensores especiais para detectar quem pode sofrer seus maus tratos e atender a suas necessidades de controle e dominação. As vítimas escolhidas são crianças e adolescentes inseguros, tímidos com dificuldades de comunicação e de construir relações de amizade; ou pessoas que se destacam pela beleza ou pela inteligência, no entanto, a maioria dos episódios de *bullying* tem raízes principais os preconceitos e as práticas discriminatórias, cujas expressões mais comuns são agressões verbais, difamação e exclusão (MALDONADO, 2011).

De acordo com Fante (2005), os alvos preferidos são os negros, os homossexuais, os que apresentam características fora dos padrões convencionais de beleza e os portadores de necessidades especiais. Uma pesquisa organizada pela equipe do site [www.beatbullying.org](http://www.beatbullying.org) com crianças portadoras de necessidades especiais mostrou que elas sofrem ataques de *bullying* com mais frequência e por maior período de tempo do que os demais, pois elas tornam-se mais vulneráveis.

Além disso, em alguns tipos de deficiências, a vítima sente dificuldade não só para entender o que está acontecendo com também para relatar o ocorrido dificultando a tomada das providências necessárias. Muitos desses ataques são difíceis de ser reconhecidos como *bullying*, não há agressões físicas, mas há violência psicológicas. (MALDONADO, 2011).

Em síntese, é um acúmulo de pequenos eventos que fazem um verdadeiro “trabalho de cupim”, para demolir a estrutura da pessoa atacada. Segundo a autora, cientistas mostram que a violência não está geneticamente programada no ser humano: não existe um “cérebro violento” ou “instintos de guerra”, e que assim como a guerra começa na mente dos homens, a paz também, e que a mesma espécie que inventou a guerra pode construir a paz (MALDONADO, 2011). Isso é responsabilidade de cada um de nós. A violência é aprendida e o respeito também, mas o comportamento violento é aprendido nas interações sociais e, portanto, pode ser desaprendido.

Diagnosticar e discutir o fenômeno *bullying* ao longo da história, nunca foi “missão” fácil a ser realizada, assim nossa pesquisa busca oferecer ao leitor, a partir de uma retrospectiva histórica geral de entendimento sobre o fenômeno, palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de

maltratar outra pessoa e colocá-la sobtensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos antissociais.

A partir da conceituação adotada na nossa pesquisa, o *bullying* seria um problema mundial, ou seja, ocorre em diversas escolas do Brasil e do mundo, públicas ou privadas, em todas as idades, sendo mais evidenciado na adolescência.

Segundo Fante (2005), o fenômeno “é tão antigo quanto à própria escola” embora “poucos esforços foram despendidos” para que fossem concretizados estudos, pelo menos até a década de 1970, quando surgiu, na Suécia, um grande interesse pelo fenômeno.

O interesse em torno da questão logo se ampliou para outros países escandinavos e, no final de 1982, foi noticiado o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos no Norte da Noruega, que teria sido motivado por situação de maus-tratos na escola. Esse fato gerou grande tensão e repercussão, atingindo toda a população e levou em 1983 a uma campanha nacional na Noruega contra agressões entre alunos nas escolas (FANTE, 2005). A preocupação com a questão se estendeu pelo mundo e outros casos de suicídio e homicídio entre alunos e ex-alunos no meio escolar começaram a ser noticiados.

Pois o que antes ocorria de forma esporádica, após a década de 1990 transformou-se numa sequência de trágicos assassinatos e suicídios no interior das escolas. Também em 1998, em Springfield, Oregon, um adolescente de 17 anos matou a tiros dois colegas e feriu mais vinte. Em 1999, dois adolescentes, de 17 e 18 anos, provocaram a tragédia de Columbine, em Littleton, Colorado. Com explosivos e armas de fogo, assassinaram doze companheiros, um professor e deixaram dezenas de feridos. Em seguida suicidaram-se. Na Alemanha na cidade de Erfurt, um jovem de 19 anos chacinou 16 pessoas: 13 professores, uma secretária, um policial que atendeu ao chamado de emergência; em seguida, suicidou-se (FANTE, 2005, p. 21).

No Brasil, casos como o de Taiuva (2003), Remando (2004) e, mais recentemente Realengos (RJ, 2011), onde um jovem de 23 anos vítima de *bullying* que estudava na escola Municipal Tarso da Silveira, entrou na escola armado e a tragédia resultou em 12 mortes e 10 feridos, o estudo tem gerado muita comoção alertando para a gravidade das consequências que o *bullying* pode causar. É importante lembrar que nem todas as consequências do fenômeno resultam em tragédias, como as citadas acima, no entanto, as agressões sempre causam sofrimento, interferindo drasticamente nos processos de aprendizagem e socialização, podendo deixar graves sequelas emocionais.

Segundo Fante (2005, p. 20) “a violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que a torna questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridades”, Importante afirmar que este é o novo século de modificações marcantes, com a mundialização, mudanças econômicas, o avanço das tecnologias, a massificação dos sistemas de educação, a diversidade cultural e tantas outras transformações.

A escola, por sua vez, presente nesse contexto de ‘avanço’ e com um papel primordial direcionado à construção de uma sociedade mais justa e igualitária, cobra de todos os seus atores, sobre tudo dos gestores e docentes mais um aprendizado: o de saber lidar com a heterogeneidade, com os estudantes violentos que a cada dia se elevam gradativamente no ambiente escolar.

Fazer uma abordagem sobre as providências que devem ser tomadas em favor da prevenção e combate ao *bullying* pelos professores, é citar inúmeras, já que os atentados violentos se manifestam nas mais diversas maneiras e, por isso, exigem medidas cautelosas também diversas. Porém, aqui, a discussão será centrada em casos mais conhecidos e publicados na literatura acadêmica. Dessa forma, serão citadas algumas dessas medidas, iniciando-se por aquelas relacionadas à aplicação do conteúdo programático na sala de aula e, depois, chegando-se às que se referem à questão em pauta de uma forma mais frontal.

Os PCNS Ressalta em meio a tantos outros conteúdos aplicados em classe, é de extrema relevância, promover mais práticas didático-pedagógicas voltadas ao ensino dos valores morais, principalmente sobre os assuntos que enalteçam a importante vida, da paz, bem como as atividades que se referem ao desenvolvimento da afetividade e da socialização dos alunos. Os Parâmetros Curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais e ética (BRASIL, 1997), registram alguns assuntos que podem ser consultados pelos professores nesse opúsculo e aplicados conjuntamente com os conteúdos de outras disciplinas nas salas de aula. Frente a isso, será feito um breve relato acerca de conteúdos, como: respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade, que também são comentados nos PCNs citados.

Ao trabalhar o tema *respeito mútuo*, estará o professor mostrando ao aluno a importância de se considerar a diferença entre as pessoas, bem como o respeito pelo ser humano, o que independe de sua origem social, etnia, religião, sexo e cultura. Estará assim expondo a importância do respeito para o fortalecimento do convívio social democrático. Como ressalta os PCNs:

O sentimento de que as diversas origens sociais não se traduzem por discriminações de todo tipo tenderá a fazer com que os alunos também ajam de acordo com o valor da dignidade humana. Porém, é inevitável acontecer que, inspirados por preconceitos expressos aqui e ali, alguns alunos se mostrem agressivos e desrespeitosos com colegas diferentes deles. Aqui, deve ser feito um destaque para preconceitos e desrespeitos frequentes entre alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos, etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos, o professor não deve admitir tais atitudes. Não se trata de punir os alunos; trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que outra, que um sexo é superior ao outro, que determinada cultura é a única válida, que atributos físicos determinam personalidades, e assim por diante (BRASIL, 1997).

Trata-se de uma questão mundial que implica em sérias consequências à todas as pessoas e para o futuro, pois, de acordo com os pesquisadores (FANTE, 2005), traz prejuízos à formação emocional e sócio educacional dos indivíduos, além de contribuir para a produção, em larga escala, de cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto estima, baixa capacidade de auto aceitação e resistência a frustração, reduzida capacidade de auto afirmação e de auto expressão, além de outras sintomatologias como doenças psicossomáticas e psicopatologias graves.

O fenômeno *Bullying*, violência velada ou explícita existente nos segmentos sociais, principalmente no âmbito escolar, o objetivo deste estudo, nos leva a refletir as causas e efeitos do fenômeno, os quais podem marcar prejudicialmente o psicológico, emocional, e sócio- educacional do indivíduo (FANTE, 2005).

Estamos estudando que esse fenômeno pode trazer muitos problemas às vítimas e que os agressores também podem ser prejudicados na sua formação de caráter e na sua conduta de vida. Estamos investigando uma escola que aparentemente não apresenta o fenômeno, todavia, estamos convencidos de que a ignorância sobre o conceito, as características e as demais questões têm levado os atores escolares pesquisados a um engano. A partir de nossas investigações, queremos discutir sobre como os professores geralmente agem quando ignoram o fenômeno ao passo que queremos ver como professores agem com o objetivo de que o fenômeno não ocorra. Para isso, estamos lendo estudos que são resultados de pesquisas acadêmicas.

## **2.7 A metodologia que utilizamos os tipos de pesquisa e a abordagem qualitativa**

Para a nossa investigação, utilizamos dois tipos de pesquisa, a pesquisa teórica e a pesquisa empírica. Por meio das duas pesquisas, conseguimos proceder à coleta de dados, tanto aqueles mais teóricos quanto os dados que coletamos no campo, ou os dados

empíricos. Os dois tipos de pesquisa nos ajudaram bastante no desenvolvimento de nossas investigações. Também aplicamos uma abordagem qualitativa, ou seja, não fizemos só levantamento numéricos e tentamos realizar uma análise crítica dos dados.

## **2.8 O método utilizado**

Na verdade, utilizamos metodologia que se fundamentou numa proposta mais do tipo etnográfico, visto que algumas técnicas de coletas de dados da etnografia foram utilizadas em nossa investigação: a entrevista semiestruturada; a observação participante. Também utilizamos questionário, aplicado aos alunos (as). Essas técnicas não definem se a pesquisa é etnográfica, mas apontam que a pesquisa esteja no campo dos estudos etnográficos voltados para a escola. Ao longo do período em que desenvolvemos a pesquisa empírica, tentamos nos envolver com aspectos culturais e sociais dos sujeitos pesquisados a fim de compreendermos melhor seu universo.

### **2.8.1 As técnicas e os instrumentos de coleta de dados**

Como dissemos, as técnicas que utilizamos em nossa pesquisa foram três: a) entrevista semiestruturada; b) a observação participante e c) o questionário.

No nossa pesquisa, a entrevista foi utilizada para que tivéssemos conhecimento do que e de como os gestores e os professores pensavam sobre o *bullying* e sua relação com o contexto escolar. Coletamos, portando dados, por meio de entrevistas semiestruturadas; que como afirma Lukde e André (1986), possibilitam a ocorrência de perguntas abertas, feitas a partir de “um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (p.34). A entrevista semiestruturada contribui para que o entrevistado fique mais à vontade e se expresse com mais clareza e firmeza o que lhe for questionado. As entrevistas eram realizadas quinzenalmente, em vários momentos da pesquisa, possibilitando-nos informações preciosas sobre o pensamento e o sentimento dos gestores e dos professores em relação ao tema que investigamos.

As entrevistas foram feitas mediante planejamento que sempre era estabelecido previamente. No entanto, houve ocasiões em que as entrevistas aconteceram porque ocorrências na escola nos levaram a sentir a necessidade de saber dos atores escolares o que eles pensavam e sentiam sobre aquilo que estava ocorrendo. Entendemos que numa abordagem de natureza qualitativa isso é viável e possível. Foi o que fizemos.

Chamamos as entrevistas de semiestruturadas porque, em razão da natureza da investigação, os planejamentos podem ser alterados e as alterações não devem prejudicar os objetivos do que queremos alcançar com as entrevistas. André (2005), afirma que, numa pesquisa dessa natureza, as entrevistas devem e podem ser feitas e refeitas várias vezes e em momentos diferentes da coleta de dados.

Além das entrevistas, passamos quase quatro semestres observando as aulas dos professores entrevistados. Durante as nossas observações, tanto os professores quanto os alunos sabiam qual era o nosso papel naquele processo e sabiam quais eram as nossas intenções. As observações, em muitas ocasiões, foram comparadas às entrevistas e vice-versa. Por meio das observações, foi possível também perceber os alunos.

A observação participante nos ajudou a sair da condição de mera expectadora e nos colocou no processo de ensino e de aprendizagem daquelas turmas por nós assistidas. A observação participante também nos permitiu um envolvimento maior com os sujeitos pesquisados e a partir desse envolvimento, compreender melhor o que acontecia em relação ao fenômeno estudado.

Além das entrevistas e das observações, ainda como técnica de coleta de dados, fizemos uso de aplicação de questionários. Por meio dos questionários, tivemos informações importantes sobre o pensamento e o sentimento dos alunos. Aplicamos os questionários com os alunos, porque percebemos que, em muitas ocasiões, os alunos não se sentiram à vontade de responder perguntas elaboradas como entrevistas. O uso do questionário nos ajudou a ter respostas mais precisas.

Para além da coleta de dados empíricos, também fizemos estudos teóricos que foram desenvolvidos durante as aulas do PEPE I, II, III e IV e durante as orientações que seguiram durante os PEPES V, VI e VII. As orientações com o orientador nos ajudaram a compreender melhor o que estávamos pesquisando e termos maior segurança, vencendo nossas limitações.

Analisamos o PPP da Escola, no Regimento, lemos os planejamentos de ensino dos professores e tivemos acesso a projetos didáticos desenvolvidos pela Escola, com vistas ao enfrentamento da discriminação, da perseguição, do preconceito, da violência. Através desses projetos didáticos, vimos que, além de negar a ocorrência do fenômeno, a Escola.

## CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo, apresentamos os resultados de nossa pesquisa. Com os dados que coletamos, através das entrevistas e das observações, e dos questionários, temos as análises que nesse capítulo, pretendemos apresentar.

### 3.1 A opinião das gestoras sobre o fenômeno *bullying*

Para que inicialmente tivéssemos compreensão sobre a opinião das gestoras sobre o fenômeno *bullying*, fizemos as seguintes perguntas as gestoras: Questão 1 - O que você compreende por *bullying*?; Questão 2- Nessa escola, existe ou existiu algum caso de *bullying*?; Questão3- Você já assistiu algum filme sobre esse tema? E Questão 4- Você já leu algum livro teórico ou de literatura sobre esse tema?

No quadro que segue, vemos as respostas fornecidas pelas gestoras à primeira pergunta que realizamos. Vejamos o quadro:

#### Quadro 1 – Compreensão das gestoras sobre o *bullying*

Pergunta 1: O que você compreende por <i>bullying</i> ?		
Respostas	Gestora	Vice-Gestora
É agressão física, intencional, mas que sempre existiu hoje tudo é <i>bullying</i> .	X	
Perseguição sistemática. Hoje tudo é <i>bullying</i> . Mas isso sempre existiu.		X

Fonte: Costa (2015)



As respostas que a gestão e a vice-gestão da escola dão para a pergunta “O que você entende por *bullying*?”, apontam, na nossa opinião, para um sério problema: o conceito de *bullying* por elas apresentado vai de encontro aos conceitos apresentados pelos estudiosos que nós usamos nessa pesquisa. O que pode significar que os gestores da Rozemar, embora digam saber o que é o fenômeno, podem, caso presenciem uma ocorrência, não reconhecerem na ocorrência a perseguição sistemática. Para elas, o fenômeno não possui características específicas e portanto pode ser confundido com outro tipo fenômeno que ocorre no cotidiano escolar.

Todos os entrevistados afirmam que “Hoje, tudo é *bullying*”, o que também nos preocupa, pois essa frase pode significar que as gestoras não conseguem diferenciar uma ocorrência isolada de uma ocorrência sistemática, fazendo séria confusão entre o que acontece nas salas de aula da Escola Movimento Livre. Nesse sentido, acreditamos que pelas respostas dadas, não temos condições de afirmar se na escola pesquisada o *bullying* é um fenômeno inexistente. Talvez ocorra, e elas neguem a ocorrência, visto que ignoram a identificação do fenômeno.

A resposta das gestoras à pergunta é bem generalista e nos passa a impressão de que não existe clareza por parte das gestoras sobre o conceito do que seja *bullying* e sobre a relevância de se saber com clareza esse conceito a fim de que problemas sérios de discriminação, perseguição e violência ocorram dentro da escola e elas não saibam o que fazer diante da existência do fenômeno. De verdade, depois das observações, vimos que existem alunos que são sistematicamente agredidos, mas não são tidos como vítimas do *bullying*.

#### **Quadro 2** – Existência do *bullying* na escola citada

<b>Pergunta 2:</b> Nesta escola existe ou existiu algum caso de <i>bullying</i> ?		
<b>Respostas</b>	<b>Gestora</b>	<b>Vice-Gestora</b>
Nega existência, diz que nunca houve casos de <i>bullying</i> na escola citada.	<b>X</b>	
Reconhece que houve um caso isolado, mas nega a existência de outros.		<b>X</b>

**Fonte:** Costa (2015)

O quadro acima demonstra que a Gestão nega a existência do fenômeno na escola citada, diz que se existiu, deixou de existir. No entanto, ao longo de nossas observações, vimos que ocorre o fenômeno sob a vista delas e elas negam. É preocupante, pois o conceito de *bullying* por elas apresentado vai de encontro aos estudos que estamos fazendo.

Segundo os autores pesquisados, é importante em primeiro lugar reconhecer que episódios de *bullying* ocorrem em todas as escolas, tanto às de rede pública quanto às particulares. Que é um problema complexo que se manifesta de diversos modos, em todas as faixas etárias. Não dá para, simplesmente, fechar os olhos e esperar que isso passe com o tempo. Maldonado (2011) alerta para essa questão de que o fenômeno ocorre sempre e em muitas unidades escolares.

Negar a existência do fenômeno também nos pareceu uma forma de afirmar a qualidade da gestão da escola e sua “incrível” capacidade de resolver todos os possíveis problemas que venham a existir numa instituição que tem funcionamento em três turnos, quase quinhentos alunos e recebe diversas faixas etárias, etnias, orientação sexual, gênero e classe social. Difícil para uma gestão dizer que em todas as salas o fenômeno não ocorre, se a sua linha de atuação não consegue dar conta do todo que é a escola Movimento Livre.

### Quadro 3 – Conhecendo os filmes sobre o tema.

<b>Pergunta 3:</b> Você já assistiu a algum filme sobre esse tema?		
<b>Respostas</b>	<b>Gestora</b>	<b>Vice- Gestora</b>
Não assistiu.	<b>X</b>	
Não tem tempo.		<b>X</b>

**Fonte:** Costa (2015)

Fante (2005) concorda com Maldonado (2011), assinalando que os gestores (as) juntamente com os professores (as) devem trabalhar, aprofundar seus conhecimentos e problematizar e mediar os valores e a conscientização com as vítimas e com os agressores, com os agressores fazer um trabalho diferenciado pedir para eles gravarem vídeos sobre o tema *bullying* e apresentar para toda a turma, levando-o a um relacionamento amigável e social.

Diante da resposta das gestoras, entendemos que elas não viram e não veem filmes que poderiam ajudá-las na melhor compreensão sobre o fenômeno e logo poderiam ajudá-las na identificação desse fenômeno na escola Movimento Livre, mas como elas afirmam que não veem, ou porque não têm tempo ou porque não acham importante, para nós, fica claro que muitas informações que circulam em filmes que trazem essa temática, elas simplesmente ignoram e certamente não poderão usar tais informações no cotidiano de suas práticas na escola Movimento Livre.

#### Quadro 4 – Aprofundando conhecimento sobre o tema

<b>Pergunta 4:</b> Você já leu algum livro teórico ou de literatura sobre esse tema?		
<b>Respostas</b>	<b>Gestora</b>	<b>Vice-Gestora</b>
Não	<b>X</b>	
Não		<b>X</b>

**Fonte:** Costa (2015)

De acordo com as resposta dadas, a gestão da escola Movimento Livre diz nunca ter lido nem um livro sobre o fenômeno. Ora, se nunca leram livros teóricos ou mesmo livros de ficção sobre o tema, certamente também possuem menor possibilidade de identificar quando um fenômeno acontece na escola. Segundo Chalita (2011), quanto menos informação as pessoas possuem sobre o *bullying*, mas elas negam a existência do fenômeno, ainda que ele ocorra sob suas vistas.

As gestoras não viram filmes e nem leram livros a respeito do tema *bullying*, porém afirmam que não existe esse fenômeno na escola e que, caso houvesse, saberiam identificar e impedir o acontecimento, pois estão preparadas. Na nossa opinião, isso é um contrassenso. Como poderão identificar o *bullying* se demonstram não ter clareza sobre o que é o fenômeno, quais suas características e como se dá no contexto da escola?

Estudar o conceito da fenomenologia *bullying* é muito importante, pois segundo Maldonado (2011) entender a palavra *bullying* é necessário e essencial para a compreensão evite a negação. Ou seja, quando realmente compreendemos o que é o *bullying*, temos mais facilidade para identificá-lo e impedir que ele aconteça diante de nossos olhos e não façamos nada.

Concluimos que os gestores da escola Movimento Livre apresentam por meio de suas respostas fragilidade para que possam tratar o tema de nossos estudos. Vimos, em muitos momentos de nossa coleta empírica, vários indícios de que o “clima” na escola demonstra a possibilidade de ocorrência do fenômeno. No entanto, esse “clima”, como já prevíamos, é negado pelos gestores, visto que eles confundem *bullying* com “brincadeira entre os alunos”. Há um problema de compreensão conceitual do que seja *bullying*, logo há um problema na identificação do fenômeno.

### 3.2 A opinião dos professores sobre o fenômeno *bullying*

Na tentativa de conhecer a opinião dos professores sobre o fenômeno *bullying*, fizemos inicialmente, 6 (seis) perguntas que nos deram uma ideia introdutória do que os professores entendiam pelo fenômeno e como os professores agem diante da ocorrência do fenômeno em seu cotidiano escolar. As perguntas foram as seguintes: 1) O que você compreende por *bullying*?; 2) Na sua sala de aula existe algum caso de *bullying*?; 3) Você já leu algum livro teórico ou de literatura sobre esse tema?; 4) Muitos alunos sofrem *bullying*, mais se calam, como identifica-lo?; 5) Quais as consequências que o *bullying* traz pra vida do alunos(as)?; 6) Você acha que o abordar o tema do *bullying* e cyberbullying na sala de aula estimula as vítimas a saírem do silencio, criando coragem para falar sobre os ataques?

No quadro a seguir, assim como fizemos com os gestores, tentamos analisar as respostas que nos foram dadas.

#### Quadro 5 – Conceituando o *bullying*

<b>1ª Pergunta:</b> O que você compreende por <i>bullying</i> ?			
	Professor(a) A	Professor(a). B	Professor(a) C
Preconceito, violência, perseguição. Hoje tudo é <i>bullying</i> , a violência sempre existiu inventaram um novo nome.	X	X	
Fenômeno de perseguição		X	
Agressão psicológica e física			X

Fonte: Costa (2015)

As respostas que os professores entrevistados dão para a pergunta que lhes foi feita demonstram que, assim como os gestores, os professores da referida escola também conceituam *bullying* de forma fragilizada. No entanto, se o Professor do 3<sup>a</sup> Ano acredita que *bullying* é uma prática antiga, porém renomeada com um nome de origem inglesa; o Professor do 4<sup>o</sup> Ano e o Professor do 5<sup>o</sup> Ano conceituam *bullying* de modo superficial, mas não afirmam que é um fenômeno antigo com nomenclatura nova.

No nosso entendimento, as respostas dadas apontam que não há clareza conceitual sobre o fenômeno e que pode haver negação da existência dele por parte desses entrevistados, pois, eles podem confundir a ocorrência do *bullying* com certas situações que, embora sejam vexatórias e constrangedoras, não ocorrem de modo frequente e sistemático. Em 2013, ocasião em que começamos a nossa coleta de dados, a gestão da escola Movimento Livre chegou a nos dizer que “Aqui, nessa escola, só houve um caso de *bullying*”. No entanto, depois negou ter dito.

Quando fizemos nossas observações na escola como um todo e em sala de aula de modo mais específico, presenciamos que a ocorrência do fenômeno se dá e que, em razão da posição apresentada tanto pela gestão quanto pelo grupo de professores, a identificação e o tratamento dispensados ao fenômeno é quase nenhum. Ou seja, na Rozemar, não é que não existam práticas sistemáticas e frequentes de perseguição, mas é que não se conhece o fenômeno, logo não se reconhece o fenômeno.

Em seu livro *bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?* Maldonado (2011) explica que o *bullying* precisa ser explicado, debatido, informado para alunos, pais e educadores. Fante (2005) também acredita que alunos, pais e educadores devam ser informados e participados sobre o conceito do fenômeno tanto no âmbito interno da escola quanto nas consequências que se desdobram desse processo. Para as autoras, o conhecimento é fundamental, com vistas à prevenção e à erradicação.

Segundo Fante, (2005), as escolas precisam enfrentar o *bullying* construindo estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente educativo. Para esta estudiosa, a escola não pode ser um espaço de homogeneização, mas sim de resgate e respeito aos valores e diferenças. Esse entendimento deve ter o professor na sua prática didático-pedagógica e vivencial em sala de aula. Pelas respostas coletadas, embora, os sujeitos pareçam entender que o *bullying* tem a ver com violência, ignoram a singularidade do fenômeno.

Para eles, “Tudo é *bullying*”.

Esta frase pode ser entendida como a negação da existência. Se tudo é *bullying*, então o *bullying* não é uma fenomenologia com características próprias. Desse modo, não necessita de cuidado específico e processo de minimização e erradicação adequados.

A seguir, analisamos a segunda pergunta que fizemos professores. Inicialmente, comentamos as respostas dadas.

#### Quadro 6 – Negação do fenômeno

2ª Pergunta: Na sua sala de aula existe algum caso de <i>bullying</i> ?			
	Professor(a) A	Professor(a) B	Professor(a) C
Não existe caso de <i>bullying</i> em sua sala de aula.	X		
Em 2013, existiu um caso de <i>bullying</i> em sua turma, mas acabou, era só brincadeira.		X	
A turma começou excluir uma criança que era gorda, chamando-a de baleia e feia, mas ela percebeu e já interveio. Tudo era uma brincadeira.			X

Fonte: Costa (2015)

De acordo as respostas dos professores à pergunta, ou não existe *bullying* nas suas salas de aula ou se já houve, já deixou de existir. Entendemos, no entanto, que há uma contradição nas respostas dos professores B e C, visto que eles narram que aconteceu perseguição em suas salas de aula, mas não se tratava do *bullying*, porém de “brincadeiras” de estudantes. Tais brincadeiras, no entanto, eram sistemáticas e frequentes, como afirma o professor B, num outro momento da entrevista. “Era todo dia. Eles diziam coisa com ela, todo dia. Uma chateação”.

Ora, se existia sistematicamente uma aluna sendo vítima de apelido e agressão verbal, se essa aluna demonstrava irritação, chateação, sofrimento com a situação e isso ocorria de forma que chamava a atenção do professor, então estamos, como afirma Chalita (2011) diante de uma ocorrência de *bullying* e certamente os desdobramentos dessa ocorrência tem sido tão evidentes que chamou a atenção. No entanto, os professores negam que o *bullying* se deu no momento em que dizem que era “brincadeira”.

Fante (2005) explica que *bullying* não é uma “brincadeira” e que confundir uma coisa com a outra é como confundir uma procissão religiosa com uma passeata grevista.

Nos dois casos, há aglomerado de gente, pessoas proferem falas, possuem intencionalidade clara, mas não são a mesma coisa quando analisadas com cuidado e atenção. Presenciar alguém ser sistematicamente perseguido e tentar minimizar a ocorrência, das duas uma: ou ignora o que está se passando ou finge que o que ocorre não lhe diz respeito.

A resposta da Professora do 3º Ano é mais categórica quando afirma que “não existe o fenômeno”, no entanto, em nossas observações, vimos que na sala de aula dessa professora, há violência e perseguição sistemática de um grupo de estudantes contra um estudante especificamente. A Professora do 3º Ano diz que não existe *bullying* em sua sala de aula, mas, num outro momento da entrevista, declara: “Tem perseguição e tem violência sempre”. Ou seja, existe o fenômeno, mas a professora entrevistada não consegue entender o que se passa em sua sala de aula.

#### Quadro 7 – Ampliando a informação sobre o fenômeno

<b>3ª Pergunta:</b> Você já leu algum livro teórico ou de literatura sobre esse tema?			
Respostas	Professor(a) A	Professor(a) B	Professor(a) C
Não	<b>X</b>		
Não		<b>X</b>	
Não			<b>X</b>

**Fonte:** Costa (2015)

Diante da pergunta que fizemos com a intenção de sabermos se os professores estudam o fenômeno ou pelo menos leram livros teóricos sobre, vimos que de maneira unanime, elas disseram que não leram. De acordo com Maldonado (2011), o *bullying* não é fácil de ser reconhecido. Nesse sentido, para que seja identificado, é necessário que ele possa ser compreendido, senão, poderá não ser reconhecido ou mesmo confundido com outro tipo de ocorrência. Não ler sobre o assunto é um problema para quem quer conhecê-lo.

Para que os professores comecem a conhecer e reconhecer o *bullying* é importante que eles estudem e saibam como se dá o problema. Concluímos que os professores disseram que não leram ou estudaram sobre o *bullying*. Sugerimos, como se verá no capítulo 4, que a escola organize cursos internamente sobre o fenômeno e passe a fazer

formação continuada com os seus professores, elencando o tema como um dos mais importantes para essa formação continuada.

#### Quadro 8 – Diante da ocorrência do fenômeno

<b>4ª Pergunta:</b> Muitos alunos sofrem <i>bullying</i> , mas se calam, como identificá-lo?			
Respostas	Professor(a) A	Professor(a) B	Professor(a) C
Pelo comportamento solitário, ou agressividade	<b>X</b>		
Observar o comportamento do educando		<b>X</b>	
Pelo comportamento e conversa			<b>X</b>

**Fonte:** Costa (2015)

De acordo com as respostas, os professores responderam que identificam quando o aluno (a) está sendo vítima pelo comportamento. Os professores entendem que os alunos vitimados pela perseguição constante e agressiva apresenta posturas que poderão ser indício de que existe uma ocorrência de *bullying* acontecendo. No entanto, os mesmos professores que dizem ser pela análise do comportamento que conseguem identificar um caso de *bullying*, quando questionados como agir, eles afirmam não saber. Dizem que se o aluno se cala, é porque não é tão grave o que lhe acontece. Percebemos que a resposta dos professores aponta para profissionais que ignoram o fenômeno e não parecem preocupados com essa ignorância.

Segundo Fante (2005), o fenômeno *bullying* invade silenciosamente os espaços escolares, furtando de crianças e os jovens a possibilidade de sonhar. As experiências de dor, de angústia e de humilhação, vividas solitariamente, deixam cicatrizes e podem trazer graves consequências para os adultos que essas crianças serão. Talvez se os professores da escola Movimento Livre tivessem lido Cléo Fante (2005) não ignorassem o que fazer.

#### Quadro 9 – Desdobramentos do *bullying* na vida de uma criança

<b>5ª Pergunta:</b> Quais as consequências que o <i>bullying</i> traz pra vida do alunos(as)?			
Respostas	Professor(a) A	Professor(a) B	Professor(a) C



Dificuldade na aprendizagem	X		
Dificuldade na aprendizagem		X	
Prejudicar a aprendizagem			X

**Fonte:** Costa (2015)

De acordo com a análise do Quadro 09, as professoras A, B, e C responderam que o *bullying* traz problemas para a aprendizagem, mas não mencionam quais problemas e nem pareceram entender que esses problemas poderão se arrastar para o resto da vida. Pelas respostas, percebemos que as professoras não entendem que o *bullying* deixa marcas psicológicas nas crianças e que essas marcas podem trazer sérios problemas para a vida.

De acordo com Chalita (2001), todos os professores/ devem estudar e aprofundar os conceitos sobre o fenômeno para saberem minimizar e até mesmo erradicar através da mediação problemas de violência e perseguição, pois o *bullying* pode trazer consequências sérias para os alunos vitimados. O *bullying*, afirma Maldonado (2011), deixa marcas fortes e certamente faz muito mal.

#### **Quadro 10** – Procurando ter saídas para o problema

<b>6ª Pergunta:</b> Você acha que o abordar o tema do <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> na sala de aula estimula as vítimas a saírem do silêncio, criando coragem para falar sobre os ataques?			
Respostas	Professor(a) A	Professor(a) B	Professor(a) C
Sim	X		
Não			X
Estimula tanto a vítima quanto o agressor é uma faca de dois gumes.		X	

**Fonte:** Costa (2015)

De acordo com as respostas do Quadro 10, a Professora A acha que se trabalhar o tema em sala de aula, o estímulo para que a vítima fale que está sendo perseguida ocorre. Trazer o tema para a sala de aula, no entanto, segundo a Professora B, não ajuda e, conforme a Professora C, tanto a vítima quanto o agressor se sentirão estimulados. Pelo

que compreendemos as respostas das professoras A e B são claras e a resposta da professora C é confusa.

Segundo Fante (2005), trazer o tema para a sala de aula é um ótimo recurso para fazer com que vítimas e agressores sejam identificados. No entanto, é importante que os tratamentos dados a ambos sejam diferenciados. O agressor precisa entender que sua ação é negativa e maledicente e a vítima precisa aprender a como lidar com o desdém, a violência e a agressividade do outro, de modo que não seja uma vítima fácil.

No capítulo 4, pretendemos aprofundar mais essa questão das saídas para o *bullying*. Por enquanto, podemos dizer que os professores da escola Movimento Livre demonstram que possuem opiniões divergentes sobre o mesmo tema e que, mesmo possuindo opinião divergentes sobre o mesmo tema, continuam afirmando que em suas salas de aula, o *bullying* não ocorreu, não ocorre e no que depender deles, não ocorrerá.

Não foi bem isso o que vimos nas aulas observadas.

### **3.3 Análises das observações das aulas do 3º ano, do 4º ano, e do 5º ano**

Aqui, apresentamos uma síntese do que vimos ao longo da coleta de dados no 3º ano do ensino fundamental.

A professora afirma que não existe *bullying* em sua sala, mas essa afirmação não é verdadeira. O fenômeno ocorre sob as vistas dela e ela não o identifica. Mais de uma criança, nessa sala, é sistematicamente agredida, verbal e fisicamente, porém a professora diz que “Só apanha quem não reage.”. As crianças perseguidas apanham, pois não reagem. Quando questionadas se estão bem, as crianças dizem “Não aguentam mais”. Elas não aguentam mais a perseguição. Muitas vezes, respondem com violência e nada é feito pela Professora. A professora diz que as crianças precisam aprender a se defender. “Bateu, levou”. Eis a regra.

As aulas dessa Professora iniciam sempre do mesmo modo e terminam sempre do mesmo modo. Não há qualquer novidade. O nível de desatenção da turma é grande e as crianças não costumam fazer o menor silêncio. Uma aula barulhenta, repleta de gritos e chamadas de atenção. Uma criança, uma menina, sistematicamente recebe apelidos e chora na sala, pedindo para que seus colegas parem. A professora, diante da ocorrência, grita

com todos, pedindo que façam silêncio e costuma afirmar “Chorona”. E os agressores riem. A menina fica encolhida.

A seguir, apresentamos uma síntese do que vimos ao longo da coleta de dados no 4º ano do ensino fundamental.

No 4º ano, existe uma criança que é vítima de *bullying*. Seu aspecto físico é motivo de chacota para os colegas. Todas as vezes em que fomos à sala de aula, a criança foi levada ao choro e ao desespero em razão dos apelidos que lhe são dados. Quando questionada sobre a ocorrência, a Professora afirmou que “Sala de aula é assim mesmo: nenhum se salva”. A professora diz que aquilo não é *bullying*, pois isso não ocorre em sua sala. Segundo Chalita (2008), os traços físicos podem ser um problema para meninos e meninas. Vimos que a criança abusada sofria muito. Levamos o caso à Gestão, mas não vimos atitudes reais serem tomadas.

O planejamento de ensino dessa Professora não é escrito, ela diz que existe toda a informação em sua memória e que tem anos de sala de aula e isso lhe confere condição de não precisar escrever nada e nem estudar assuntos “moderninhos”. Ela diz que a criança que é apelidada também gosta de apelidar e que só sofre porque participa do jogo dos outros. Segundo essa professora, se a criança se mantiver quieta e atenta à aula nada de mal lhe acontece e ela volta para casa sã e salva. O problema, segundo a Professora, é que a criança gosta da brincadeira e termina não aguentando o “tranco”.

Abaixo, apresentamos a análise do que vimos ao longo da coleta de dados no 5º ano do ensino fundamental.

No 5º ano nessa sala de aula, a Professora, embora negue a existência do fenômeno, tem atitudes preventivas. Suas aulas – sempre que possível – trazem para discussão temas como paz, solidariedade, aprender a conviver com diferentes, tolerância e união. A Professora demonstra ignorar o fenômeno, mas também demonstra querer que as crianças fiquem bem e consigam aprender na sala de aula. A Professora entende que discutir temas que envolvam valores poderá ajudar na vida das crianças e também na sua forma de ensinar os conteúdos. É uma Professora que procura ter uma aula mais dinâmica.

Percebemos que nessa sala, quando alguém, por acaso, começa a ser vitimado por outro alguém, questões como respeito e cuidado são imediatamente trazidas à tona e a Professora não deixa escapar a chance de conversar sobre algum tema que envolva

fraternidade e amor uns pelos outros. A Professora costuma brincar com os alunos e com as alunas, possibilitando que através da brincadeira, as crianças possam dizer com leveza coisas sérias e possam falar sobre suas angústias e medos.

### 3.4 Questionário aplicado aos alunos (as) análise das respostas

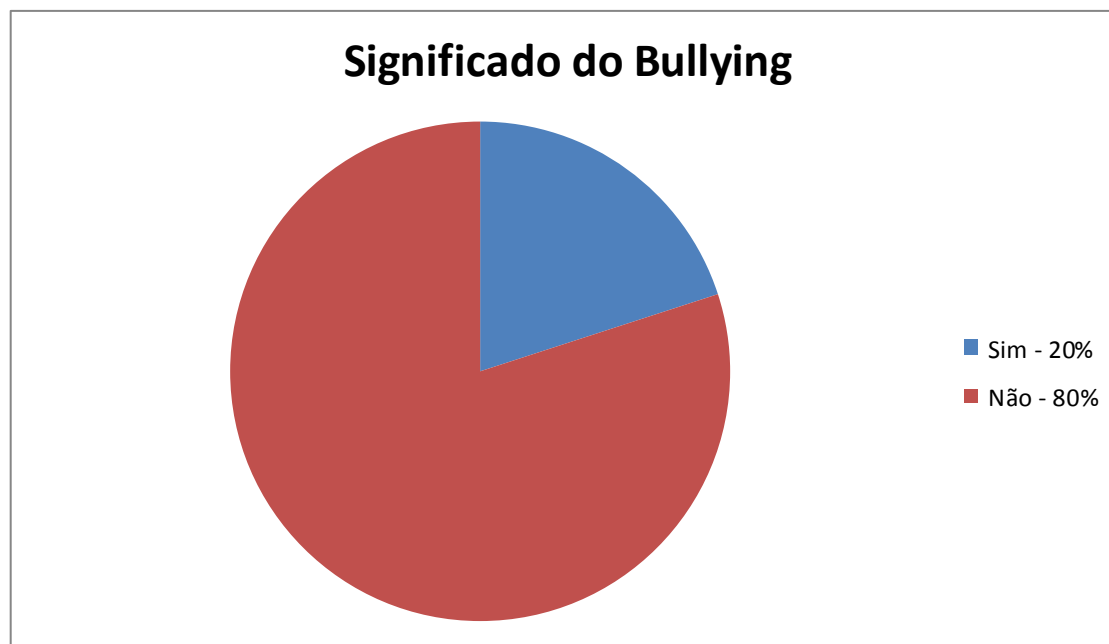
A seguir analisamos as respostas dadas pelos alunos às questões que lhes foram apresentadas.

Ao todo, um número de 15 (quinze) estudantes, sendo 5 (cinco) do 3º ano; 5 (cinco) do 4º ano e 5 (cinco) do 5º ano do ensino fundamental, responderam as perguntas.

Dos estudantes entrevistados 08 eram do sexo masculino e 07 eram do sexo feminino; todos (as) com idade entre 08 e 13 anos. A maioria mora com os pais e ou avós, sendo 03 de cor branca, 06 de cor parda, e 06 de cor preta, todos (as) moram na zona urbana da cidade do Recife.

#### QUESTÃO 1 – Você sabe o significado de *bullying*?

GRÁFICO 1 – Entender o significado do *bullying*



Fonte: Costa (2015)

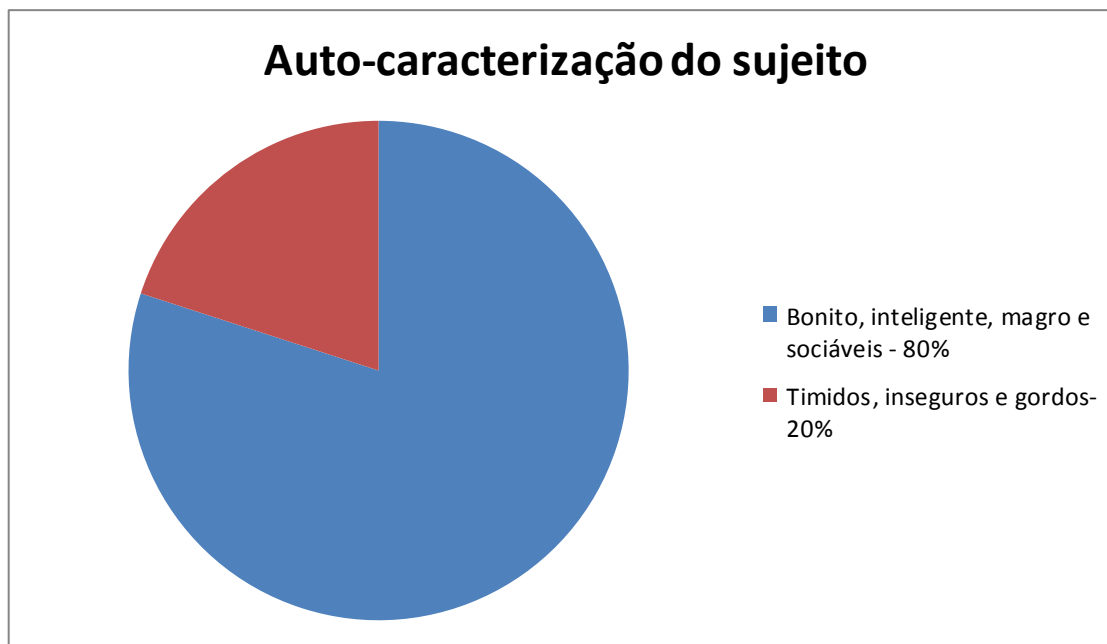
Verificou-se, depois da interpretação da questão 01, como mostra o gráfico, que 12 alunos (80% dos entrevistados) **afirmaram não saber** o que significa *bullying* e somente 03 alunos (20% dos entrevistados) confirmam já saber o significado.

De acordo com Maldonado (2011), a ignorância ocorre em razão de um olhar pouco crítico, ressaltado pelos preconceitos que conduzem a inúmeras práticas discriminatórias existentes em escolas, na família e sociedade como um todo. Segundo a autora, muitos desses que dizem não saber o que é *bullying* gostam de estar com parentes e amigos diante da TV, dando risadas nos programas humorísticos que humilham pessoas, perseguindo-as com críticas e deboches. Na ambiente escolar, alguns autores de *bullying* simplesmente tentam reproduzir algumas cenas desses programas de TV, que a família achou divertida. Muitas pessoas nem percebem o quanto estão aprisionadas em padrões de conduta ou modos de ser, desenvolvendo grande intolerância pelos que são diferentes, Maldonado diz que o fenômeno deve ser debatido, informado e discutido pela comunidade escolar a todos os alunos (as) e as famílias.

Ainda segundo Maldonado (2011), é evidente que a mídia apresenta os seus aspectos negativos, principalmente no que tange á massificação e alienação, porém deve ser considerada como um importante instrumento de informação e comunicação. A mídia, se não bem orientada, pode vir a reforçar este sobrepeso negativo, e o *bullying*, se tornar cada vez mais presente no meio dos adolescentes, facilitado pelo advento de uma sociedade moderna e suas peculiaridades, pela banalização das situações de violência, pelas desigualdades social, econômica, e cultural. Ressaltamos que não podemos menosprezar os meios de comunicação de massa, notadamente a televisão, como transmissor de informações, de atitudes, normas e valores.

**QUESTÃO 2 – Como você se caracteriza? bonito, inteligente, tímido, gordo, magro, sociável, quieto?**

**GRÁFICO 2 – Auto- caracterização dos sujeitos**



**Fonte:** Costa (2015)

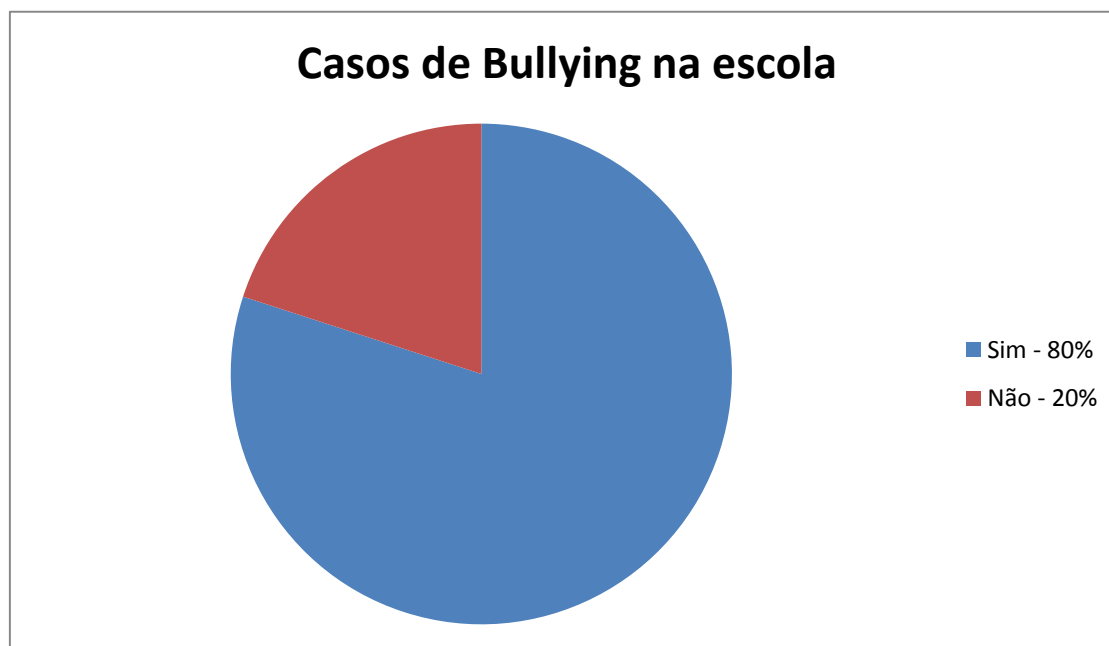
De acordo com a resposta dos 15 estudantes entrevistados, verificamos que 12 alunos (80%) caracterizam-se como bonitos, inteligentes magros e sociáveis, essas qualidades podem elevar a autoestima. E apenas 03 dos estudantes (20%) se consideram tímidos, inseguros, gordo. Padrões esses que podem impulsionar a baixa autoestima.

Neste contexto, para uma melhor percepção sobre os fatores que provocam a alta ou baixa autoestima, no meio escolar, sobretudo, torna-se necessário, considerar nesta fase, que ser diferente é um dos aspectos que o pré-adolescente ou adolescente na maioria das vezes deseja para si. No entanto, quando tal diferença o caracteriza como “estranho” e não diferente, interferindo em sua autoestima (diferenças anatômicas, raciais, padrões de beleza impostos pela mídia), surge assim, uma difícil questão de se lidar e que, por vezes, o exclui do convívio social com os grupos.

Para Maldonado (2011), as pessoas gordas tímidas, magricelas, inteligentes são alvos mais comuns da prática de *bullying*, pois quase sempre têm dificuldades de relacionamentos, esses padrões podem impulsionar a baixa autoestima, queda no rendimento escolar, problemas psicológicos e dificuldade de aprendizagem.

### **QUESTÃO 3 – Você acha que nesta escola existem casos de *bullying*?**

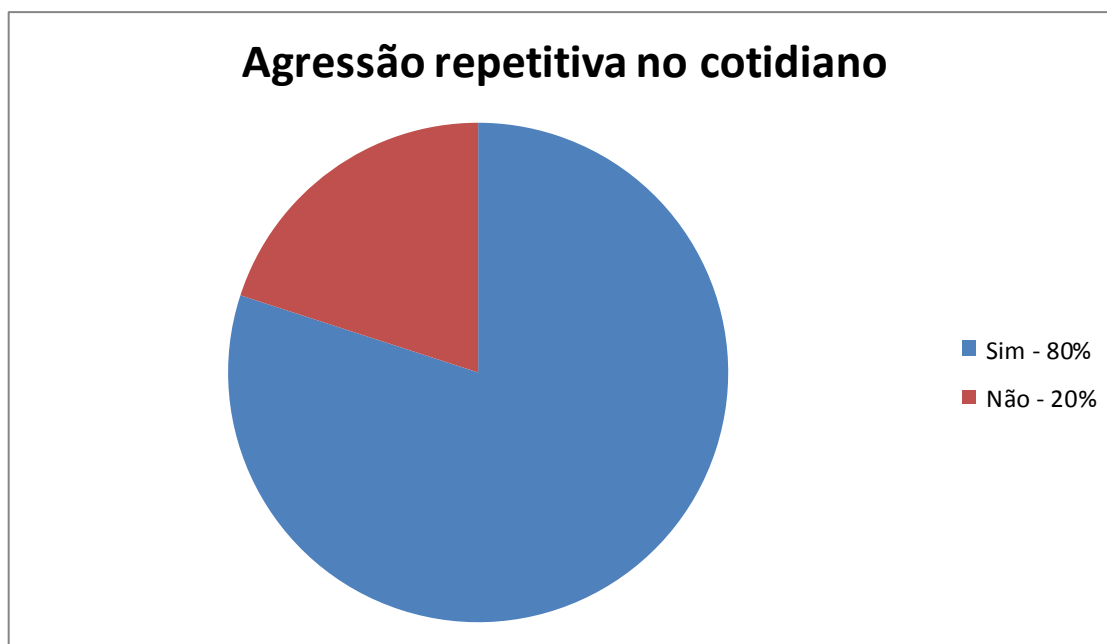
#### **GRÁFICO 3 – Existência de casos de *bullying***



**Fonte:** Costa (2015)

Assim descritivamente, após a verificação do gráfico e das reflexões conceituais com os estudantes sobre o fenômeno *bullying*, percebemos que 12 alunos (80% entrevistados) afirmaram que na escola citada existe sim casos de *bullying*, apelidos maldosos, empurrões brigas insultos, sistematicamente etc. E somente 03 alunos (20 % dos entrevistados) disseram que não existe. Entretanto, é preciso se observar que o *bullying* não se manifesta por meio somente das brigas, principalmente das mais corriqueiras. Maldonado (2011) assegura isso, ao explicar que: *bullying* não são conflitos ou brigas que ocorrem, normalmente, entre estudantes, mas “verdadeiros” atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva na maioria das vezes a uma de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização. Segundo a autora, o *bullying* tem várias faces, mas nenhuma delas pode poderá passar em branco. Em nossa pesquisa, percebemos que nem todos atores escolares estão atentos para as ocorrências entre os alunos e alunas dentro e fora da sala de aula,. que é necessário construir uma cultura de paz e de bom relacionamentos com todos os participantes da comunidades escolar.

**QUESTÃO 4 – Você já sofreu algum tipo de agressão repetitiva no cotidiano desta escola: insultos, chutes, apelidos maldosos, isolamento, piadas?**

**GRÁFICO 4** – Agressões sofridas pelos discentes

**Fonte:** Costa (2015)

Observou-se com os dados do gráfico 04 que 12 estudantes (80% dos entrevistados) responderam que sofreram empurrões, chutes, apelidos maldosos, magricela baleia, isolamento etc., só 03 estudantes (20% dos entrevistados) afirmaram que não sofreram agressão repetitiva. Portanto a maioria passou por todas as situações indicadas, que são próprias de quem é visto como vítima do *bullying*. As intimidações, classificadas diretas e indiretas, quase sempre são constantes e pouco notadas no meio escolar. Os comportamentos violentos ou intimidações que caracterizam o *bullying* podem ser classificados como direto ou indiretos. Direto é quando a vítima é atacada diretamente, como exemplos podem citados, os apelidos maldosos, insultos, agressões físicas, ameaças, chantagem etc., e indireto é caracterizado por atitudes de indiferenças, desprezo, isolamento e difamação da vítima.

Segundo Fante (2005), a palavra *bullying* pode ser traduzida como valentão, tirano, brigão, e que muitas agressões ocorrem na sala de aula no recreio e pátio. Conforme com as respostas dos alunos (as) o pátio e o recreio têm sido o lugar de maior incidência de agressões entre os colegas. Isso se justifica pelo fato de no pátio e recreio ser um ambiente em que os alunos ficam mais soltos sem a supervisão adequada, com isso gerando conflitos em que às vezes não são contornados pelos professore/educadores.

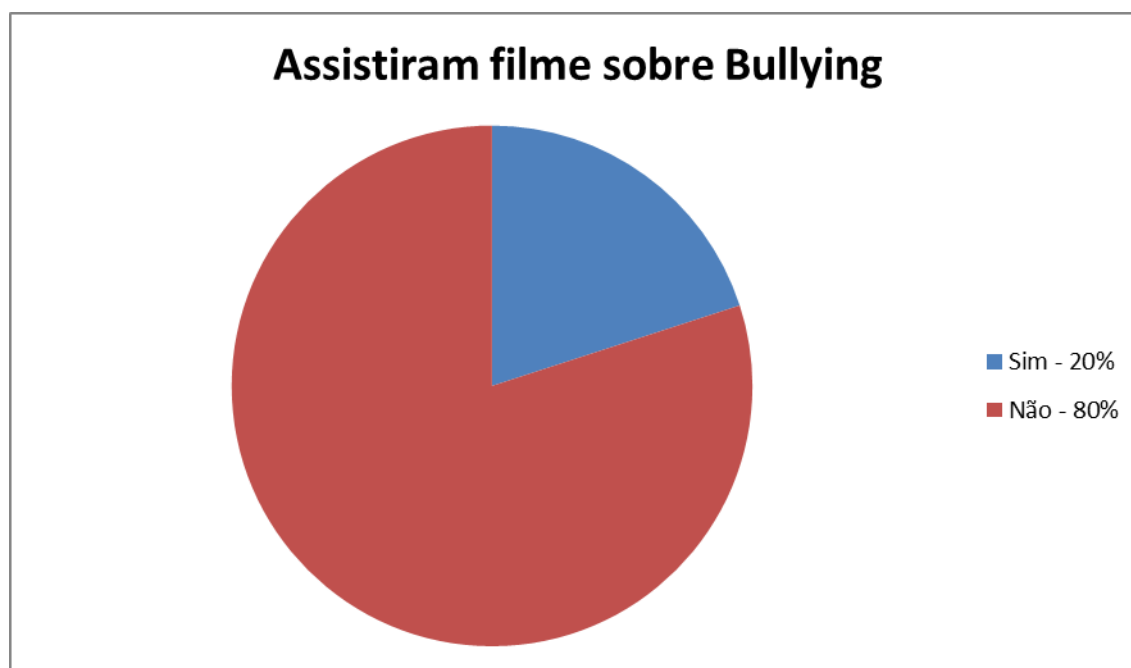
A violência nas escolas é um fator preocupante, pois muitos alunos já presenciaram ou sofreram atos de violência entre alunos. Sendo que as testemunhas preferem ficar no



anonimato para que não sejam as próximas vítimas. No mundo, toda violência tornou-se um cotidiano, tendo numerosas consequências, em que são afetadas alunos, professores,, diretores e pais, no Brasil, o fenômeno ainda é pouco pesquisado, pois não há um indicador global que possa fornecer parâmetros.

#### QUESTÃO 5 – Você já assistiu algum filme sobre o *bullying* nesta escola

GRÁFICO 5 – Acesso ao filme sobre o *bullying* na escola



Fonte: Costa (2015)

De acordo com as respostas apresentadas, observou-se que 12 alunos (80%) afirmaram que não assistiram a nenhum filme sobre o *bullying* na escola citada, somente 03 alunos (20% dos entrevistados) afirmaram ter assistido filme. Isso revela que o *bullying* é um dos temas comentados, mas é preciso aprofundar, informar e discutir sistematicamente o conceito do fenômeno *bullying* com os alunos (as). É preocupante percebermos que os alunos sabem que sofrem *bullying* na escola e os gestores e professores acreditam que não exista na escola Movimento Livre o fenômeno. Segundo Maldonado (2011 p. 104), deve-se oferecer aos (ás) discentes, reflexões conceituais e atitudinais, sobre o fenômeno *Bullying* para que os eles e elas tomem consciência que *bullying* é um conjunto de atitudes e agressões ruins sistemáticas e que o agressor precisa a desenvolver a empatia e torna-se menos agressor.

## **CAPÍTULO 4 – PROPOSIÇÕES REFLEXIVAS SOBRE O FENÔMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**

Neste capítulo, apresentamos abordagens reflexivas sobre as providências que devem ser tomadas em favor da conscientização concepção e prevenção do combate ao *bullying*, pelos atores escolares escola citada: professor (as) e gestor (as).

De acordo com os resultados da nossa pesquisa, concluímos que existem casos de *bullying* na escola citada, mas que é vista de modo simplista e minimizado, sugerimos que a escola organize cursos internos sobre o fenômeno e passe a fazer formação continuada com seus professores e propomos que os atores da escola pesquisada procurem aprofundar, pesquisar e ampliar o conceito sobre o fenômeno *bullying*, visto que é de extrema relevância o estudo contínuo a respeito do fenômeno, pois é algo necessário para melhoria dos processos tanto no processo de aprendizagem, quanto dos processos de ensino.

Segundo Maldonado (2011), a construção de programas *antibullying* é de grande importância para minimizar as ações do *bullying* nos espaços escolares, mas é preciso que os professores e gestores reconheçam que o episódio de *bullying* que ocorrem em todas as escolas, tanto na rede pública quanto na rede particular, é um problema complexo que se manifesta de diversas formas, em todas as faixas etárias, e que não dá para fechar os olhos, e esperar que isso passe com o tempo, para enfrentá-lo e construir uma cultura de paz na escola, é necessário criar um programa sob medida para a realidade de cada contexto que esteja profundamente inserido no projeto pedagógico da escola a ser aplicado por um longo tempo.

Como, por exemplo: elaborar um projeto de protagonismo juvenil na escola, convocando os estudantes, principalmente as vítimas agressoras para participarem ativamente do projeto como iniciadores de uma sensibilização de professores / gestores e toda comunidade escolar, de algumas salas que apresentem alto índice de ataques de *bullying*. Após algumas capacitações eles elaborarão apresentações, peças de teatro, vídeos, murais, apresentações musicais, e várias dinâmicas, que será uma ótima maneira de prevenir e minimizar as agressões intencionais, e ajudará os agressores a desenvolver a empatia tornando-os mais colaboradores e menos agressivos.

De acordo com Maldonado (2011), mostrar o reconhecimento de que é preciso fortalecer e expandir as práticas pedagógicas voltadas para a construção de uma cultura de

paz, ao consolidarem projetos como “prevenção também se ensina” e “ Comunidade presente” descobrem caminhos que estimulam a participação dos pais, das famílias, dos alunos e das pessoas da comunidade no espaço escolar.

Segundo Gabriel Chalita (2008), o amor é um sentimento que brota da necessidade de privacidade, mas que conserva a noção de cumplicidade e amizade. Do amor nasce a relação de confiança, cumplicidade e responsabilidade com a vida do outro. Sentimento que sustenta a teia de relações e gera reflexos positivos em todos os demais segmentos sociais. As interações amorosas existentes na família não são apenas um processo natural. Apesar de serem parte da essência humana, necessitam ser aprendidas pela vivência e pelo exercício diário para que se tornem elementos do cotidiano, para que sejam incorporadas e para que se transformem em instrumentos da teia social. É preciso que pais se questionem sobre os instrumentos de troca que estão oferecendo a seus filhos.

Quando a família abre mão desse aprendizado, abre também espaço para a violência, para as atitudes que enfraqueçam e isolam atrás de grades, muralhas e guaritas. A violência que invade ou nasce no espaço familiar se expande para todos os outros segmentos da sociedade como uma teia de relações destrutivas que se reproduz e contamina os ambientes e as pessoas (CHALITA, 2008, p. 168).

#### **4.1 Ações preventivas que auxiliem nas confusões conceituais sobre o fenômeno *bullying***

A prevenção do *bullying* depende da criação de um ambiente escolar em que todos se sintam seguros, bem cuidados e capazes de desenvolver habilidades de relacionamento interpessoal que possibilite criar vínculos de amizade em clima de cooperação. Neste contexto há de considerar que estamos vivendo uma época de muitos conflitos ou “complexidade,” que invadem as instituições de ensino e, dentre outros, destaca-se a violência que cada vez mais se faz presente em todas as instituições de ensino.

De acordo com Fante (2005,p, 20),“ a violência escolar nas ultimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que é preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridades”. A escola, por sua vez, presente nesse contexto de “avanços” e com um papel primordial direcionado à construção de uma sociedade mais igualitária, cobra de todos os seus atores, sobre tudo dos

gestores e docentes mais um aprendizado; o de saber lidar com a heterogeneidade, com os atentados violentos que a cada dia se elevam gradativamente no ambiente escolar.

É da responsabilidade, não só dos professores, como também da gestão escolar, formada geralmente pelo diretor, vice-diretor, coordenadores, acompanhar de perto as ações educativas no cotidiano da escola e, assim resolver os problemas que existem neste ambiente. O novo século vem trazendo modificações marcantes como a mundialização, mudanças econômicas, o avanço da tecnologia, a massificação dos sistemas de educação, a diversidade cultural e tantas outras. O perfil dos educadores e dos gestores pede uma transformação reflexiva que acompanhe as necessidades de nossa época.

Entretanto, o que se observa não procurando generalizar, é que quase sempre há o despreparo dos gestores e docentes envolvidos. As medidas repressivas são as mais usadas, ficando às claras a falta de conhecimento sobre o assunto.

Fazer uma abordagem sobre as providências que devem ser tomadas em favor da prevenção e combate ao *bullying* pelos professores, é citar inúmeras, já que os atentados violentos se manifesta nas mais diversas maneiras e, por isso, exigem medidas cautelosas também diversas, como por exemplo, aquelas que estão relacionadas à aplicação do conteúdo programático na sala de aula, em meios a tantos outros conteúdos aplicados em classe, é de extrema relevância, promover mais praticas didático-pedagógicas voltadas ao ensino dos valores morais, sobre tudo os assuntos que enalteçam a importância da vida, da paz, bem como as atividades que se referem ao desenvolvimento da afetividade e da socialização dos alunos. Frente a isso será feito um breve relato a cerca de conteúdos, como respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade.

Ao trabalhar o tema respeito mútuo, o professor estará mostrando ao aluno a importância de se considerar a diferença entre as pessoas, bem como o respeito pelo ser humano, o que independe de sua religião, sua origem social, etnia, religião, sexo e cultura, fortalecendo o convívio social e democrático.

Trabalhando o tema justiça, o professor possibilitará aos alunos o despertar da consciência crítica sobre seus direitos e deveres com cidadãos. Deve se frisar, inicialmente que a escola deve, além de oferecer a qualificação dos seus professores de um modo geral, capacitá-los para a observação, a fim de que eles possam identificar, diagnosticar, enfim saber intervir nas situações de *bullying*.

Fante (2005, p. 68) afirma: Acreditar-se que, a prevenção começa pelo conhecimento, que é preciso que os atores, professores / educadores das escolas reconheçam a existência do *bullying* e, sobre tudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento sócio educacional dos alunos. Ainda há um grande número de profissionais da educação que não sabem distinguir entre condutas de *bullying* ou outros tipos de violências, por não ter um preparo para identificar e desenvolver estratégias pedagógicas para enfrentar os problemas no ambiente escolar.

Chalita (2008) alerta para a tomada de atitudes simples, como desde o primeiro dia de aula, que sejam feitos esclarecimentos, em sala de aula, sobre o que é o *bullying*, afirmando-se que não serão toleradas condutas do mesmo nas dependências da escola.

É essencial que os docentes através da formação continuada pesquisem e promovam debates sobre o *bullying* nas salas de aulas, afim de que o assunto seja bem divulgado e assimilado pelos alunos. Cabe também estimular os alunos a fazerem pesquisas sobre o tema na escola, objetivando como o assunto deve ser encarado pelos e funcionários.

É de grande importância iniciativas preventivas, como o aumento da supervisão na hora do recreio e no intervalo, bem como evitar em sala de aula o menosprezo, apelidos ou rejeição de alunos por qualquer que seja o motivo, principalmente aquelas atitudes por parte dos professores para os alunos. Diante do exposto, verifica-se que é de grande importância reafirmar que o *bullying* é um problema de saúde pública, e que requer, prevenção e contenção, atitudes de vários segmentos sociais.

Depende sim das mudanças de posturas dos seus gestores e professores, e que os mesmo trabalhem o conceito de que “agressão não é diversão”, por tanto o primeiro passo para construir um programa *antibullying* eficaz é a escuta atenta e sensível dos alunos, das famílias e da equipe escolar para perceber como se manifesta o problema, trabalhando a conscientização, a diversidade cultural, social e restaurando valores éticos, morais, educacionais, ter um olhar aguçado e sensível, na prevenção, erradicação e superação do fenômeno. A ignorância, como diz Fante, pode levar a pessoa a afirmar que o problema não existe e o que há é outra situação. Para que os professores comecem a conhecer e reconhecer o *bullying*, é importante que eles estudem e saibam como se dá o problema.

## CONCLUSÃO

Procuramos, com esta Monografia, diagnosticar a ocorrência do *bullying* na escola Municipal Movimento Livre, logo nosso TCC pode ser encarado como uma fonte de pesquisa para esta escola e para tantas outras instituições, não só para a compreensão desses atentados violentos no espaço educativo em referência, como também para o entendimento de como se comportam os atores escolares, professores/ gestores da referida escola diante dessa realidade.

Os resultados da pesquisa confirmam que nossos objetivos foram atendidos, visto que as respostas dos professores/gestores pesquisados evidenciam a princípio, uma visão fragmentada sobre o fenômeno *bullying*, hora visto como negação, hora visto com prevenção, ou seja, não é que não exista o *bullying*, práticas sistemáticas e frequentes de perseguição, mas é que não se conhece o fenômeno, logo não se reconhece o fenômeno na escola pesquisada. Detectamos também a postura de uma professora frente à prevenção e ao combate ao *bullying*, através suas aulas, mediando partilhando o respeito e a paz.

Cabe, por conseguinte, o registro da nossa compreensão sobre esse fenômeno. Pesquisar a temática *bullying* foi de grande relevância a fim de conhecer e diferenciar o que é *bullying* e quais são os contextos e ambientes da manifestação de tal prática. Para a formação do pedagogo, significa compreender e redirecionar as ações pedagógicas, no combate às diversas formas de violência, com o intuito de beneficiar a comunidade escolar, assim como disseminar valores e atitudes guiados por princípios morais, e éticos.

Como medida de combate e prevenção, recomenda-se que todos (as) da comunidade escolar, comprometa-se em promover debates sobre o fenômeno nas classes, e na escola, fazendo com que o assunto seja bastante divulgado e assimilado pelos alunos e familiares; e que os professores estimulem os estudantes a fazerem pesquisas sobre o tema, e conscientiza-los do que significa o fenômeno *bullying*, pois o mesmo é um comportamento violento e intencional, que é aprendido nas interações sociais e que pode ser desaprendido; o *bullying* ocorre quando a identidade de um sujeito é rejeitada por outro sujeito, e conscientiza-los que não é bom cristalizar magoas, e que devem valorizar as diversidades culturais das pessoas, respeitando as diferenças sociais.

Sabe-se que o *bullying* é uma forma de violência silenciosa, mas que tem assustado muito a sociedade. Na escola pesquisada foi verificado que é preciso, em meio a outras providências, um programa de prevenção e combate, além da capacitação dos seus

professores/gestores. De outro modo, podemos verificar que o *bullying* cada vez se faz presente em grande parte das escolas brasileiras e por essa razão devem ser tomadas medidas preventivas e de contenção por diversos segmentos sociais.

A afirmação de Maldonado (2011), neste contexto, é de suma relevância, ao acenar para a necessidade de mudanças de posturas nas famílias e nas escolas sobre tudo principalmente de valores, morais, educacionais, éticos psicológicos e religiosos. Segundo ela, dos pais podem ser cobrados, dentre outras atitudes, o desenvolvimento do estímulo ao diálogo, a escuta atenta e empática, a construção de vínculos afetivos fortes, uma reflexão crítica e o despertar de responsabilidades dos seus filhos por si mesmos e pelos outros. Das instituições de ensino podem ser cobradas não só a modificação da organização escolar, dos conteúdos programáticos, dos métodos de ensino e estudo, mas principalmente, da mentalidade da educação formal. A mesma diz que o comportamento violento é aprendido nas interações sociais, portanto pode ser desaprendido.

Concluimos que o conceito sobre o fenômeno *bullying*, dos atores escolares professores /gestores da escola citada, precisa ser revisto, pois os mesmos tratam o fenômeno de forma simplista e minimizado, de acordo com os resultados apresentados concluimos por fim, a existência do fenômeno *bullying* na unidade de ensino pesquisada.

O empenho e a adição de esforços de todos trarão a eficácia e a urgência de medidas, traduzindo-se em verdadeiras ações tanto preventivas e quanto combativas. Por todos os pontos elencados, esperamos com este trabalho, mesmo sabendo ter ele suas limitações, ter contribuído para sensibilizar a atenção e provocar reflexões e posicionamentos dos atores escolares da escola investigada; acerca dessa problemática, bem como colocamos, para fins de estudos, a pesquisa à disposição da comunidade e sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Associação Brasileira de Proteção à Criança e ao adolescente.** Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>>. Acesso em: 12 Out. 2015.

BRASIL. **Constituição Federal 1988.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 Out. 2015.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente. 1990.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm). Acesso em: 15 Set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 de 20 de novembro de 1996.** Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 15 Out. 2015.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade: *Bullying*: o sofrimento das vítimas e dos agressores.** São Paulo: Editora Gente, 2008, p. 280.

FANTE, C. **Fenômeno *bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz.** São Paulo: Editora Verus, 2005, p. 43.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, M. T. ***Bullying e cyberbullying*: o que fazemos com o que fazemos conosco?.** São Paulo: Ed. Moderna, 2011.

MELO, J. ***Bullying na escola*: como identificar, como preveni-lo como combatê-lo.** 3. ed. Recife: Editora EDUPE, 2010.

MICHALISZIN, M. S.; TOMASISI, R. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social, teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

OLWEUS, D. ***Bullying at school*: what we know and what we can do.** London: Lackwell; London: Routledge, 1993.



## APÊNDICE

### ENTREVISTAS COM OS GESTORES (AS) E PROFESSORAS E QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS ALUNOS (AS)

#### ENTREVISTAS COM AS GESTORAS:

- 1º) O que você compreende por *bullying*?
- 2º) Nesse escola existe ou existiu algum caso de *bullying*?
- 3º) Você já assistiu a algum filme sobre esse tema?
- 4º) Você já leu algum livro teórico ou de literatura ficção sobre esse tema?

#### ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS:

- 1º) O que você compreende por *bullying*?
- 2º) Na sua sala existe algum caso de *bullying*?
- 3º) Você já leu algum livro teórico ou de literatura sobre esse tema?
- 4º) Muitos alunos sofrem *bullying*, mais se calam, como identifica-lo?
- 5º) Quais as consequências que o *bullying* traz pra vida dos aluno(a)s ?
- 6º) Você acha que o abordar o tema do *bullying* e cyberbullying na sala de aula estimula as vítimas a saírem do silencio, criando coragem para falar sobre os ataques?

#### QUESTIONÁRIO COM OS ALUNOS:

- 1ª) Você sabe o significado *bullying*?
- 2ª) Como você se caracteriza? Bonito, Inteligente, Tímido, Gordo, Magro, Sociável, Quieto?
- 3ª) Você acha que nesta escola existem casos de *bullying*?
- 4ª) Você já sofreu algum tipo de agressão repetitiva no cotidiano desta escola: Insultos, chutes, apelidos maldosos, isolamento, piadas?
- 5º) Você já assistiu algum filme sobre o *bullying* nesta escola?